



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

Monografia

Hiago Aparecido dos Reis Fernandes

**Músicos profissionais e ensino on-line: reflexões sobre atividades
realizadas em 2020 e 2021.**

**Ouro Preto – MG
2022**

Hiago Aparecido dos Reis Fernandes

Músicos profissionais e ensino on-line: reflexões sobre atividades realizadas em 2020 e 2021.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto, como parte dos requisitos para obtenção de título em Licenciatura em música.

Orientador: Prof. Dr. Érico Oliveira Fonseca

Ouro Preto – MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Hiago Aparecido dos Reis Fernandes

Músicos profissionais e ensino on-line: reflexões sobre atividades realizadas em 2020 e 2021.

Monografia apresentada ao Curso de Música da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música

Aprovada em 22 de junho de 2022

Membros da banca

Dr. Érico Oliveira Fonseca - Orientador(a) (UFOP)
Dr. Tabajara Sant'Anna Belo - (UFOP)
Dra. Aline Marques - (UFU)

Érico Oliveira Fonseca, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/02/2025



Documento assinado eletronicamente por **Erico Oliveira Fonseca, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/02/2025, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0861788** e o código CRC **C5DFE268**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me conceder saúde e sabedoria para trilhar meu caminho. Ao meu orientador Érico Oliveira Fonseca, por todo amparo fornecido durante esta etapa. Aos meus pais Eva Marly Martins Fernandes e Luciano Fernandes por suas bênçãos e dedicação para comigo e meu irmão. Ao meu irmão Hiam Lucas Fernandes pelo carinho. Ao meu primo Carlos Henrique Fernandes por me ajudar, apoiar, incentivar e aconselhar. Aos meus amigos. Ao Departamento de Música da UFOP e todo seu corpo docente. Ao meu professor de violão Tabajara Sant' Anna Belo. Aos membros da banca pela leitura e melhorias propostas em meu trabalho. E por fim, agradeço pela oportunidade de estudar e trabalhar com música.

RESUMO

O presente trabalho investiga maneiras de se realizar o ensino de música on-line, mais especificamente no âmbito dos instrumentos de cordas dedilhadas e durante os anos de 2020 e 2021. Para isso, coletou-se informações a partir de autores de referência nas áreas de Ensino a Distância (EaD), ensino on-line, e ensino de música a distância através das TICs. Desta forma, os autores Daniel Gohn, Fredric M. Litto, Marcos Formiga, Estevan Jacks, Hélio da Silva Júnior e Charles Hodges; Torrey Trust; Stephanie More; Aaron Bond; Barb Lockee, trouxeram pontos e reflexões que contribuíram para que a presente pesquisa fosse executada, tendo o objetivo no levantamento de dados relevantes para a extensão deste tema a futuros pesquisadores. A metodologia de coleta de dados desta pesquisa consistiu em entrevistas semiestruturadas, com três especialistas da área. Ambos apresentaram suas maneiras de lecionar, logísticas e estratégias de criação do próprio conteúdo para divulgação das aulas. O conteúdo das entrevistas foi submetido a análises em conformidade com os conceitos de inferência e categorização (BARDIN, 1977), indução e dedução (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Palavras-chave: ensino de música on-line; ensino de música a distância; ensino de contrabaixo elétrico on-line; ensino de violão on-line; professor autônomo.

ABSTRACT

The present work investigates ways to online music teaching, more specifically in the field of plucked string instruments and during the years 2020 and 2021. For this, the information collected from reference authors in the areas of Distance Learning (EaD), online teaching, and distance music teaching through TICs. In this way, the authors Daniel Gohn, Fredric M. Litto, Marcos Formiga, Estevan Jacks, Hélio da Silva Júnior e Charles Hodges; Torrey Trust; Stephanie More; Aaron Bond; Barb Lockee, brought points and reflections that contributed to the present research being carried out, with the objective of collecting relevant data for the extension of this theme to future researchers. The data collection methodology for this research consisted of semi-structured interviews with three specialists of the area. Both presented their ways of teaching, the logistics and strategies for creating their own content for the dissemination of classes. The content of the interviews was subjected to analysis in accordance with the concepts of inference and categorization (BARDIN, 1977), induction and deduction (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Key words: online music teaching; distance music teaching; teaching electric bass online; guitar teaching online; self-employed teacher.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Acorde “Bm” e “Bm7(11)”. Fonte: elaborada pelo autor.....	16
Figura 2: Levadas. Fonte: Figura do autor com base em Júnior (2016).....	17
Figura 3: Índice do Método Contrabaixo elétrico composite. Fonte: Autor (ano, página)	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
1.1 <i>Breve descrição sobre os primórdios e desenvolvimento do EaD</i> 6	
1.1.1 A chegada dos computadores e o uso da internet.....	7
1.1.2 Ensino Remoto Emergencial (ERE)	9
1.1.3 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	10
1.2 <i>Sobre o ensino musical on-line</i>	13
1.3 <i>Ensino de violão em on-line</i>	15
1.3.1 O Violão Popular on-line	15
1.3.2 O Violão Erudito.....	17
1.4 <i>O ensino de Contrabaixo Elétrico</i>	19
2 ENSINO ON-LINE DE CORDAS DEDILHADAS NO MOMENTO PANDÊMICO	22
2.1 <i>Pontos e contrapontos</i>	23
2.2 <i>Atividades didáticas durante a pandemia</i>	26
2.3 <i>Posicionamento do professor de música nas redes</i>	28
2.4 <i>Recursos utilizados</i>	29
2.4.1 Material didático	29
2.4.2 Tecnologias.....	31
2.5 <i>Níveis de aprendizagens observados</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A – Figuras sobre metodologias de violão popular (JÚNIOR 2016) e Contrabaixo Elétrico (DEAN, 1982).	40
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com perguntas norteadoras	41
ANEXO 1: Entrevista Semiestruturada 1	43
ANEXO 2: Entrevista Semiestruturada 2	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu através de uma demanda pessoal devido à proliferação da COVID-19. Neste período, desenvolvi apreço pelo trabalho on-line e pelo Ensino a Distância. O fato de atuar enfaticamente através da internet em atividades artísticas e didáticas fez com que se tornassem o cerne deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Tal pesquisa objetiva uma construção de conhecimento útil para professores autônomos que se interessam pelo o presente modelo de ensino. O trabalho coletou dados que auxiliaram na elaboração metodológica, utilização de aparelhos lógicos e físicos para o ensino on-line e discussões em torno da consolidação da carreira dentro do universo digital.

Inicialmente, desejava-se propor um guia pedagógico para o professor on-line de cordas dedilhadas, mas não foi possível realizar essa proposta por falta de tempo hábil. No entanto pretende-se, futuramente, um aprofundamento desta investigação visando a criação de produtos pedagógicos norteadores do ensino on-line para estes instrumentos musicais.

Como referencial teórico utilizamos, principalmente, os autores Gohn (2002; 2008; 2009; 2020); Júnior (2016); Jacks (2017); Litto e Formiga (2009); Cascais e Terán (2014) e Hodges; Trust; More; Bond; Lockee (2020). As publicações destes autores, juntamente ao processo metodológico que foi executado, permitiram reunir estratégias e alicerçar futuras atualizações nesta modalidade de ensino.

Como metodologia central, recorreu-se à realização de entrevistas semiestruturadas com professores de música com destacada atuação nas mídias digitais. Os relatos coletados foram transcritos e submetidos a uma análise de conteúdo. As amostras foram analisadas de acordo com conceitos de processos analíticos de Marconi e Lakatos (2003), pelo método indutivo e Bardin (1977), que consiste em inferência e categorização.

Com o advento da internet, o ensino on-line tornou-se uma ferramenta essencial para o ensino-aprendizagem. Na área musical, foi um processo delicado, por envolver questões práticas e perceptivas nas quais o contato presencial é essencial.

O primeiro capítulo deste trabalho, explana sobre o início do Ensino a Distância (EaD), as diferenças existentes entre EaD e Ensino Remoto Emergencial (ERE). Abordaremos a estruturação do EaD, que consiste majoritariamente na construção do

aprendizado à distância. Na atualidade, utiliza-se plataformas digitais, com aulas e exercícios pensados metodologicamente para esse fim. Ademais, algumas instituições estabelecem atividades presenciais que fazem parte deste modelo de ensino. O Ensino Remoto Emergencial (ERE), tem caráter provisório e se consolidou principalmente após a proliferação da COVID-19, quando as metodologias planejadas para aulas presenciais foram transpostas para plataformas digitais como recurso mais adequado durante este período. Professores vinculados a instituições e professores autônomos, que lecionavam apenas presencialmente, depararam-se com tal circunstância. Com o surgimento da pandemia, destaca-se como defasagem a falta de tempo hábil para a preparação dos materiais em tal formato de ensino (GOHN, 2020). Da mesma forma, uma das dificuldades que envolve o ensino on-line é a situação social e territorial tanto do aluno quanto do professor, que podem residir em regiões que não sustentam boa conexão à internet, ou até mesmo não possuem conexão. Sobre este assunto, Daniel Gohn comenta:

Consequentemente, a emergência causou uma urgência na busca por respostas, e com isso as instituições que optaram pelo ensino remoto tiveram que relevar muitas questões sociais e territoriais. Nem todos os professores e alunos vivem em regiões com internet de boa velocidade e têm acesso aos equipamentos necessários, o que provoca desafios tecnológicos e socioeconômicos. (GOHN, 2020, p. 158).

Além disso, o capítulo aborda questões referentes ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); o uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) que está em voga no mundo contemporâneo e o ensino musical on-line, embasado nas visões do autor Daniel Gohn que dialoga com teorias de Keith Swanwick e David Elliot. No mesmo capítulo, há a apresentação de metodologias de cordas dedilhadas, mais precisamente aplicadas ao violão e contrabaixo elétrico. Constatamos que não há metodologias específicas para violão e contrabaixo elétrico on-line, mas citaremos o trabalho de Júnior (2016), que propôs soluções para o ensino on-line de violão popular, o método *Iniciação ao violão Vol. I* de Henrique Pinto, e *Contrabaixo elétrico composite Vol. I* de Dan Dean. Embora as metodologias para violão erudito e contrabaixo elétrico citadas na presente pesquisa não sejam, especificamente, criadas para aulas on-line, ambas possuem relevância para o ensino destes instrumentos e não poderiam deixar de serem citadas.

Dito isso, o papel de professor/tutor, nessas circunstâncias, vai além de saber ensinar os conteúdos. O mesmo deve se capacitar para o uso das tecnologias. O professor também necessita estar preparado para os desafios inerentes à prática

docente, e o maior deles é a didática envolvida nas videoaulas ou aulas síncronas. O uso de várias linguagens visuais como imagens, animações, gráficos, escrita e exemplos musicais são bem-vindos nesse momento. Sobre este ponto, Gohn destaca:

As análises das vídeo-aulas e dos sites demonstraram que a aprendizagem via mediações tecnológicas é mais efetiva quando resulta de uma combinação de diferentes linguagens, incluindo explicações faladas e escritas, imagens, animações, vídeos e exemplos musicais. Também constatamos que as habilidades para o ensino de métodos de aprendizagem não são proporcionais à virtuosidade de um artista, pois excelentes músicos têm dificuldades para transmitir e discursar sobre suas atividades. Isso implica que, para a produção de materiais adequados, há uma necessidade de profissionais dotados com capacidades tanto musicais quanto comunicacionais, que saibam moldar e estruturar as informações de modo a facilitar sua assimilação. (GONH, 2002, p. 149).

Evidentemente, o profissional que deseja trabalhar nessa área necessita portar várias habilidades além da virtuosidade no instrumento e o conhecimento profundo da linguagem musical, pois há virtuosos que não logram expor seus conhecimentos. Ao mesmo tempo, uma parte dos músicos que não fazem prova de tal virtuosidade, se destacam por sua didática. Isto não é uma regra geral, mas é válido salientar este fato (GOHN, 2002).

O segundo capítulo é de cunho analítico e traz o posicionamento dos entrevistados. A análise dos conteúdos oriundos das entrevistas possibilitou visualizar questões relacionadas ao ensino on-line como prós e contras, deslocamento, logística, comodidade, localidade, metodologias, trato com o alunato, tecnologia, posicionamento do professor nas redes sociais e níveis de aprendizagens.

Por fim, as considerações finais informam o que foi possível organizar e constatar através do referencial teórico consultado e das entrevistas. De modo geral pretende-se, por meio do presente trabalho, colher dados para que professores autônomos que atuam ou desejam atuar on-line, sobretudo no ensino de violão e contrabaixo, possam se informar sobre a mediação possibilitada pelas TICs. Reitera-se a expectativa de que os dados coletados e analisados subsidiem novas discussões, adaptações, propostas didáticas e artísticas para atividades on-line acerca do ensino de instrumentos musicais.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Breve descrição sobre os primórdios e desenvolvimento do EaD

Graças ao advento da internet, o ensino on-line se destaca, nos dias atuais, como uma opção favorável a pessoas que buscam conhecimento sem se deslocar para espaços físicos de ensino. Instituições públicas e privadas possuem cursos on-line e com o surgimento da COVID-19, houve uma transmutação do ensino presencial para o ensino on-line. É válido salientar que, antes da internet, o modelo EaD já existia e ocorria por meio de correspondências.

Provavelmente a primeira notícia que se registrou da introdução desse novo método de ensinar a distância foi o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA), que enviava suas lições todas as semanas para os alunos inscritos. Depois, em 1840, na Grã-Bretanha, Isaac Pitman ofereceu um curso de taquigrafia por correspondência. Em 1880, o Skerry's College ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos. Em 1884, o Foulkes Lynch Correspondence Tuition Service ministrou cursos de contabilidade. Novamente nos Estados Unidos, em 1891, apareceu a oferta de curso sobre segurança de minas, organizado por Thomas J. Foster. (LITTO; FORMIGA, 2009, p. 2)

Conforme novas tecnologias eram criadas, o Ensino à Distância as acompanhava. Com a chegada do rádio no Brasil, fundou-se a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, transmitindo programas que para o governo da época eram considerados subversivos. A emissora surgiu por iniciativa privada e seu objetivo era possibilitar a educação popular.

Posteriormente, a radiodifusão vinculou-se ao Ministério da Educação. Programas como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) criaram no Rio de Janeiro e São Paulo a Universidade do Ar, atingindo mais de 300 localidades em 1950. Infelizmente, o rádio como disseminador do EAD foi censurado em 1969 devido às circunstâncias políticas daquela época. De acordo com Litto e Formiga (2009), além do rádio, outras formas de EAD através das tecnologias também foram usadas, como o cinema educativo, mas não se consolidou por não haver demanda significativa de pessoas buscando por informações educacionais através do cinema.

Outra forma de Educação à Distância foi a TV educativa. Em 1967, (juntamente ao sistema de radiodifusão) o Código Brasileiro de Telecomunicações determinou que programas educacionais deveriam conter horários de transmissões pelas emissoras da época. Tal iniciativa durou 30 anos, mais ou menos. Por fim, a obrigatoriedade de programas educativos através de rádios e televisões não existia mais. Ainda dentro

deste contexto, podemos citar a iniciativa da Fundação Roberto Marinho, desenvolvedora do “Telecurso” nos anos 70, objetivando facilitar o acesso à educação básica.

1.1.1 A chegada dos computadores e o uso da internet

De acordo com Litto e Formiga (2009), em 1970, foram instalados em computadores de alto custo em universidades brasileiras. Com o passar do tempo, a população começou a adquirir estas máquinas para uso pessoal. Assim que a internet foi usada comercialmente pela população, o EaD consolidou-se no sistema educativo brasileiro. Segundo Júnior (2016), a internet foi estabelecida como parte do EaD em 1996, através da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Entretanto, esse não será o foco da presente pesquisa. Litto e Formiga (2009) relatam que o EaD tomou maiores proporções no ano de 1960, integrando-se na educação secundária (ensino para pessoas com 12 a 18 anos de idade) e posteriormente, durante a Segunda Guerra, para a capacitação de recrutas.

Todavia, é importante salientar que o acesso a tais mídias ainda não alcançou plenitude no Brasil, o que prejudica ações exitosas e democráticas no ensino on-line. Entre essas questões, nos dias atuais imbricam-se outros problemas relacionados às TICs, pois nem todos os professores e alunos possuem os devidos softwares e hardwares para que os conteúdos sejam compartilhados com integridade, seja em vídeo-chamada, acompanhamento por alguma plataforma/site, ou videoaulas.

Ao adentrarmos no atual cenário do EaD, devemos destacar alguns modelos diferenciados. O surgimento de tais modelos são as possibilidades que as TICs permitiram, para o ensino formal, não formal e informal. O primeiro foi a criação das “Universidades Corporativas”, sendo elas empresas ou entidades governamentais que capacitavam seus funcionários para obtenção de melhor desempenho de seus ofícios. Para isso, tais corporações estruturam um ambiente de aprendizagem virtual, onde há cursos próprios elaborados por equipes internas, o que antes era necessário à terceirização de instituições acadêmicas convencionais para tais formações.

(...) o avanço da EAD, por meio das TICs, permitiu que empresas e entidades governamentais se reestruturassem, possibilitando, assim, um mix de cursos próprios (com equipes internas), feitos sob encomenda (por empresas terceirizadas) e do quadro regular ou encomendados a instituições acadêmicas convencionais. Algumas empresas até oferecem títulos avançados (como mestrado, por exemplo) ou cursos de menor duração (a exemplo das empresas Oracle e Microsoft). (LITTO: FORMIGA, 2009, p. 14).

Temos mais três modelos que fazem parte do atual cenário do EaD:

- 1- Teletrabalho e EAD, que representa os trabalhadores que exercem suas funções em suas residências ou em locais que não necessariamente sejam os locais físicos ou sedes de suas entidades;
- 2- Necessidades especiais e EAD, onde pessoas com necessidades especiais fazem uso da EAD para que seja possível ocorrer o ensino-aprendizagem em suas próprias residências;
- 3- Ensino superior sem fronteiras “(*Borderless Higher Education*)”, possibilitando ao indivíduo estudar em qualquer instituição do planeta, e em áreas que tempos atrás não era possível o estudo formal, como o “marketing”, por exemplo.

Outro ponto importante de se abordar é o acesso gratuito a informações que antes, somente eram possíveis através de instituições. Hoje, basta digitar o título de determinada obra e baixá-la na rede.

O artigo de Kevin Kelly no New York Times, em 2006, sobre os planos das empresas Google™ e Yahoo!® de digitalizar e disponibilizar, no prazo de dez anos, os conteúdos (indexados) de 32 milhões de livros atualmente em bibliotecas de todo o mundo, aumentou a expectativa de que, em pouco tempo, uma significativa parte do conteúdo necessário para o ensino superior estaria disponível na Internet. A tendência da opinião dos especialistas refere-se à possibilidade de que nas próximas décadas o conteúdo seja, de fato, gratuito (e facilmente acessado por aprendizes matriculados ou não em instituições de ensino) (LITTO e FORMIGA, 2009, p. 17).

O avanço de softwares após o surgimento da internet ampliou a gama de repositórios de conteúdo. Tanto alunos quanto professores possuem aplicativos de celulares e programas de computadores, ou sites que armazenam seus objetos de estudo e conteúdos de seus interesses. Anteriormente, esses conteúdos eram armazenados nas próprias máquinas, mas com a criação de tais softwares, o armazenamento ocorre por meio de nuvens. Suas funções vão de agendas on-line até o gerenciamento de recursos audiovisuais como o YouTube, por exemplo. Professores e instituições dos dias atuais usufruem de softwares como Google Drive, Class Room, WhatsApp e Telegram. Ambos funcionam também como plataformas de interação, onde professores e alunos se relacionam virtualmente. Essas atividades são denominadas como “Comunidades Virtuais”. Gohn (2008) explica:

O conceito de comunidade virtual, popularizado no final do século XX por Rheingold (1993), desenhou os primeiros contornos teóricos sobre as novas formas de sociabilidade que surgiram com as redes eletrônicas. A possibilidade de interações *on-line* síncronas e assíncronas entre indivíduos situados em qualquer região do planeta conectada à Internet abriu um vasto campo de pesquisa, gerando investigações sobre o funcionamento desse

universo midiático e produzindo especulações sobre suas conseqüências para os indivíduos envolvidos. (GOHN 2008, p. 113).

Litto e Formiga (2009, p. 18) mencionam sobre a facilidade através da acessibilidade de conteúdos tenha seu lado benéfico, a clareza sobre o que procurar na *Web* é essencial. Excepcionalmente no Brasil, o compartilhamento de trechos resumidos sem a completude de todo o conteúdo utilizado em determinadas matérias, acarretam a diminuição de conhecimento e conseqüentemente, de seu preparo profissional ou reflexivo. Dito isso, o envio de apostilas, powerpoints ou slides, contendo “pedaços de conteúdos” são práticas questionáveis.

Enquanto em muitos países os alunos que estudam a distância recebem livros ‘universitários’ (com 150 páginas ou mais) para leituras durante o curso, no Brasil instalou-se a prática de fornecer ao aluno apenas uma ‘apostila’ ou resumo dos pontos principais da matéria, às vezes com apenas 50 páginas contendo ‘pedaços de conhecimento’ (extraídos de diferentes livros) intercalados para constituir uma ‘nova’ publicação (freqüentemente sem citação das fontes originais, nem o pagamento de direitos autorais para uso comercial do material). (LITTO e FORMIGA, 2009, 18).

Entretanto, percebe-se que o uso de computadores com acesso à internet, possibilitou ao ensino-aprendizado ocorrer tanto por intermédio de instituições ou professores particulares, quanto de maneira “autônoma” (pesquisando sobre determinado assunto na rede, sem a instrução de terceiros). Além disso, essas tecnologias proporcionam soluções ligeiras para o ensino presencial, na impossibilidade de realização do mesmo por curto, médio ou longo prazo.

1.1.2 Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Durante o período da pandemia de COVID-19, o acesso a informações educacionais ocorreu através de TICs. Boniutti e Gomes (2020) relatam que enquanto algumas pessoas possuem acesso à internet de boa qualidade, outras ainda dependem do material impresso¹. De qualquer forma, devemos ter a clara noção do significado do ERE (Ensino Remoto Emergencial).

Hodges; Trust; More; Bond; Lockee (2020, p. 6) se dirigem ao ERE como uma solução rápida em meio a crises, onde o cotidiano da população sofre alterações. É uma possibilidade para dar continuidade ao ensino-aprendizado. Na pandemia, tal maneira de conduzir o ensino foi altamente utilizada por professores particulares e

¹ O intuito da presente pesquisa não é abordar questões políticas e sociais, mas é válido ressaltar que a maneira em que a educação brasileira se conduziu durante a pandemia é extremamente delicada.

instituições. Como o próprio nome diz, Ensino Remoto “Emergencial” tem o objetivo de suprir a demanda temporária de aulas presenciais ou híbridas, enquanto o EaD é pensado para o ensino on-line com apoio institucional, equipes especializadas e materiais didáticos propriamente preparados para esta modalidade de ensino.

O objetivo nessas circunstâncias não é recriar um sistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a suportes e conteúdos educacionais de maneira rápida, fácil de configurar e confiável, durante uma emergência ou crise. (HODGES; TRUST; MORE; BOND; LOCKEE, 2020, p. 6).²

Segundo os mesmos autores, o Ensino Remoto diminui sua qualidade de entrega de conhecimentos, justamente por não prever situações que podem ocorrer durante o período das aulas on-line, até porque, nem todos que estudam ou lecionam presencialmente (ou em um modelo híbrido), possuem expertises para administrar as TICs.

Os(as) professores(as) que buscam suporte, normalmente, têm níveis variados de habilidades digitais e se acostumam ao suporte individual quando experimentam ferramentas on-line. A mudança para o ERE exige que o corpo docente assuma mais controle do processo de concepção, desenvolvimento e implementação do curso. (HODGES; TRUST; MORE; BOND; LOCKEE, 2020, p. 7).³

Gohn (2020, p. 167) diz que “A educação a distância passou de opção a obrigação, o que sem dúvidas irá revelar muitas ressalvas dos descontentes.” Nesse sentido, é necessário que haja autonomia dos professores para resoluções instantâneas de problemas relacionados às TICs.

1.1.3 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) são espaços digitais interativos onde há o gerenciamento de informações sobre o curso e o aprendizado direcionado⁴. Professores cuidam dos materiais a serem disponibilizados na plataforma e os alunos devem se direcionar pelas distintas seções de conteúdo, sendo possível se comunicar

² Tradução do trecho original: The primary objective in these circumstances is not to re-create a robust educational ecosystem but rather to provide temporary access to instruction and instructional supports in a manner that is quick to set up and is reliably available during an emergency or crisis. When we understand ERT in this manner, we can start to divorce it from "online learning."

³ Tradução do trecho original: Faculty who seek support typically have varying levels of digital fluency and are often accustomed to one-on-one support when experimenting with online tools. The shift to ERT requires that faculty take more control of the course design, development, and implementation process.

⁴ Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/ambiente-virtual-de-aprendizagem/>. Acesso dia 7 de maio de 2022.

através da própria plataforma, por lembretes e pelo envio de mensagens à classe ou individualmente ao aluno.

Segundo Litto e Formiga (2009) e o site “Criativa Ead”, instituições e professores que desejam elaborar cursos em ambientes virtuais devem se atentar a questões que envolvem as demais opções:

1. Desenvolvimento de software que possibilite realizar o gerenciamento e manutenção da plataforma, para o acesso de professores e alunos durante vinte e quatro horas, por sete dias. Neste caso, seria uma plataforma própria (portal).
2. Desenvolver plataforma de gerenciamento de conteúdo fornecidos por comunidades voluntárias, como os softwares *Moodle* e *TelEduc*.
3. Usar o software gratuito de gerenciamento onde seus fornecedores não cobram o uso, mas sim sua manutenção, como por exemplo: MoodleRooms.
4. Adquirir planos de plataformas de hospedagem, como: Hotmart, Blackboard, Eadbox, Google G Suite for Education, Samba Tech e Udemy desenvolvidas para esta função, além de algumas funcionarem também como plataformas de vendas para outros produtos digitais. Nos casos em que os criadores dos cursos optarem pelo armazenamento em tais plataformas, apenas se preocuparão com a elaboração de conteúdo, propiciando acesso a qualquer hora e local.

Dentre as demais opções, as instituições devem escolher pelo menos uma delas a depender da quantidade de alunos presentes em cada instituição.

Em geral, programas de EAD com um número reduzido de alunos (abaixo de dois mil) podem dar conta, internamente, das complexidades envolvidas nos aspectos tecnológicos; mas, quando o número de alunos acessando o portal simultaneamente for grande, deve ser considerada a transferência desses problemas para uma entidade externa (equipamento sofisticado, treinadores, equipe de desenvolvedores e documentalistas de alto nível). (LITTO e FORMIGA, 2009, p. 19).

Evidentemente, a organização de um curso EaD traz consigo uma série de questões para que o ensino-aprendizado aconteça com êxito. Professores e alunos necessitam estar à vontade para utilizar a plataforma, e deverão se atentar ao funcionamento de softwares e hardwares, desenvolvendo autonomia para resolução de problemas relacionados a ambos.

Ensino formal, não formal e informal

A distinção entre tais ensinamentos reside nos processos realizados por cada um. Segundo Cascais e Terán (2014), os termos surgiram a partir de 1960 pela crise

educacional ocorrida na segunda Guerra Mundial, gerando fatores negativos em torno da educação, sendo eles: sistemas escolares que não atendiam a demanda escolar e não cumpriam seu papel social; e a não formação de recursos humanos para atender as novas tarefas da transformação industrial. Através desses fatores, culminou-se três processos de ensino: 1) exigência de um planejamento educacional; 2) valorização de atividades e experiências não escolares ligadas à formação profissional e 3) valorização de atividades e experiências não escolares ligadas à cultura geral. Deste modo, podemos classificar os três processos como: 1) formal, 2) não formal e 3) informal.

Para melhor compreensão dos termos, entende-se como ensino formal aquele regido por instituições, seguindo um currículo, dividida por disciplinas e níveis de conhecimento. O ensino não formal é conduzido por um estudo autodirigido, é nessa categoria que os professores particulares atuam. E por fim, o ensino informal é aquele que acontece espontaneamente, através do cotidiano, da cultura, pelo processo de socialização, pelas experiências e etc.

Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, é institucionalizada e prevê conteúdos, enquanto a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve valores e a cultura própria de cada lugar. Já a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos. (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 3).

Daniel Gohn afirma que há poucos programas de ensino formal em torno da educação musical (LITTO; FORMIGA, 2009). Recentemente, as pesquisas acadêmicas em música vêm investigando processos não formais e informais. Percebe-se que a internet, em ambos processos, é utilizada por indivíduos que não estão matriculados em instituições. Este processo pode contribuir para complementar o aprendizado de estudantes matriculados em uma instituição. Além disso, o meio fomentador ocasionado por grupos formados na internet entre pessoas que buscam conhecimento da mesma área, proporciona ao aprendiz o constante contato com a música. Uma vez que o aprendiz não tem a oportunidade de estudar com um professor, o mesmo busca essa orientação por meio da internet.

Na ausência de um professor responsável pela performance assistida, muitas vezes, essa tarefa é redirecionada para a Internet, gerando coordenações sociais que envolvem conhecimentos distribuídos entre grupos de pessoas. (GOHN, 2009, p 287).

Diante de tal perspectiva, podemos relacionar os termos “comunidades virtuais” abordado por Gohn (2008) e “Colégio invisível” abordado por Crane (1972 apud

LITTO; FORMIGA, 2009) que definem esses grupos por pessoas que que nunca se conheceram pessoalmente, mas que possuem um fator em comum entre elas: compartilhamento de conhecimentos musicais.

1.2 Sobre o ensino musical on-line

São vastas as possibilidades didáticas que envolvem o ensino on-line, e para que este ocorra efetivamente, é necessário um planejamento de aulas que caibam em tal formato. Assim como já mencionado anteriormente, a utilização de softwares para armazenamento de conteúdos, como YouTube (para conteúdos audiovisuais, cuja descrição pode conter links de acesso a materiais de apoio e vídeos de complemento), Google Drive e Classroom, são fundamentais para manter os conteúdos organizados. O Ambiente de Aprendizagem Virtual (AVA) também tem o mesmo objetivo, e possui maiores ferramentas sobre o controle de armazenamento de conteúdo e comunicação entre professor e aluno. Autores como Gohn (2009) e Litto e Formiga (2009) trazem o suporte ao aluno como ponto eficaz para efetivar o ensino-aprendizagem, ocorrendo pelo contato direto entre professores e alunos através de softwares que permitem uma experiência de contato síncrono⁵. Tais possibilidades devem, sobretudo, ser utilizadas no ensino musical on-line, pois o mesmo contém questões gestuais imprescindíveis para adquirir habilidades ou solucionar problemas específicos ligados à postura, técnica e timbre.

Daniel Gohn (2009), classifica os conteúdos musicais em EaD de duas maneiras: 1) conhecimento formal e 2) conhecimento procedimental. A primeira ocorre através de disciplinas onde não há execução de instrumentos musicais. Tais conhecimentos incluem fatos, conceitos, descrições e teorias, que por sua vez são adquiridos por leituras. No entanto, o conhecimento procedimental é ligado a conceitos práticos que podem ocorrer através da observação de instrumentistas. Esse aprendizado acontece por uma espécie de imitação, onde o aprendiz observa os gestos que são necessários para execução de determinado trecho ou para correção de postura.

Keith Swanwick categoriza o conhecimento formal como “conhecimento de segunda-mão” e o conhecimento procedimental como “conhecimento de primeira-

⁵ O suporte ao aluno, nos dias atuais, pode ocorrer por Telegram, WhatsApp, Facebook, Instagram (não sendo ideal), entre outros. Tais recursos permitem também a formação de grupos de estudos entre as classes, trazendo um ambiente fomentador que agrega para o ensino-aprendizagem (nota minha).

mão”. Entende-se que, no ensino de execução musical, deve se fazer uso do compartilhamento de conhecimentos procedimentais, uma vez que o processo seria dificultoso se fosse explanado de forma unicamente textual. E a função do conhecimento formal, ou “conhecimento de segunda-mão” é de moldar, guiar ou refinar aquilo que será executado. David Elliot refere-se a este processo como “reflexão-sobre-a-ação”.

Dialogando com esses conhecimentos, Elliot (1995) traz a ideia do “fazer musical” como elemento de demonstração da musicalidade. Segundo Piedade (1997; 2003; 2005; 2010; PIEDADE; BASTOS, 2007) musicalidade é “uma memória musical-cultural compartilhada constituída por um conjunto profundamente imbricado de elementos musicais e significações associadas”. Esse conjunto de elementos e significações possibilitam a comunicação musical entre músicos de países distintos que se reúnem para tocar o mesmo gênero. Entretanto, o processo que ocorre no conhecimento procedimental pode ser o mais relevante, para que os músicos consigam adquirir as musicalidades necessárias ao se comunicarem na performance.

Contudo, conclui-se que o ensino musical on-line de um instrumento é de maior complexidade em relação ao mesmo ensino na modalidade presencial. Isso porque fatores circunscritos nos conhecimentos procedimentais, que muitas vezes são difíceis de verbalizar ou escrever, se tornam um desafio para o professor. Embora o ensino presencial seja possível obter demonstrações gestuais mais completas, no ensino on-line ainda é possível abranger tais demonstrações sob videoaulas e vídeo-chamadas. Inserir frase conectiva:

Tal auxílio também é possível sem o contato físico, já que o professor pode demonstrar posturas e movimentos mais adequados e fazer as correções verbalmente, com frases como: “deixe o dedo indicador mais curvado e procure relaxar o dedo anular”. De qualquer forma, para que o feedback seja adequado, é melhor que o elemento visual esteja presente, mesmo que por meios tecnológicos. (GOHN, 2009, p. 86).

Outros tipos de conhecimentos também se imbricam ao processo de aprendizagem, sendo eles: conhecimentos informais, impressionístico e supervisonal. O conhecimento informal é aquele adquirido pela experiência de acordo com a prática musical. O conhecimento impressionístico envolve a intuição e sentimentos, onde decisões são tomadas na execução musical. E o conhecimento supervisonal, que auxilia o músico em seu processo de desenvolvimento musical, juntamente aos outros conhecimentos. Entretanto, o desenvolvimento do

conhecimento informal no ensino on-line é de suma importância, mesmo quando não for possível que professor e aluno toquem simultaneamente. Deste modo, o uso de *Backing Tracks* ou gravações realizadas pelo próprio professor, com o intuito de suprir a presença real de músicos, podem ser soluções recorrentes ao ensino on-line.

1.3 Ensino de violão em on-line

De acordo com Jacks (2017) e Júnior (2016), o ensino de violão em EaD existe antes mesmo do ano de 1996 (ano em que a internet foi estabelecida formalmente como parte do Ensino a Distância), através da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O Instituto Universal Brasileiro (IUB) iniciado no ano de 1941, realizava nessa época o curso de violão por correspondência, bem como outros cursos disponíveis no instituto. Vale ressaltar que o curso de violão ainda está ativo na plataforma. Outras instituições realizaram cursos de violão a distância, como: o curso de Licenciatura em Música para teclado e violão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o curso de Licenciatura em Música Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ambos já desativados.

É de conhecimento comum, que ensino-aprendizagem do violão possui duas vertentes, que são separadas e possuem seus próprios métodos: Violão Popular e Violão Erudito. Porém, pesquisas como a de SILVA (2012), trazem dados relevantes sobre o entrelaçamento entre o violão popular e o erudito. Ademais, é válido trazer diferenciações na maneira em que se conduz tais vertentes do ensino-aprendizado violinístico no ensino a distância.

1.3.1 O Violão Popular on-line

Júnior (2016) levanta três dificuldades ao redor do ensino de violão a distância, a partir de uma proposta do curso de mestrado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Foi criada uma plataforma de ensino de violão a distância direcionada para professores da educação infantil, nomeado como “Violão On-line”. As dificuldades relatadas foram: 1) pestanas, 2) mudança de acordes e 3) levadas. Ambas dificuldades são corriqueiras ao estudo inicial do violão popular, e uma das bibliografias utilizadas para a resolução de tais dificuldades foi o livro “Dicionário de acordes cifrados” do autor Almir Chediak (1984), uma referência para estudos de música popular.

Constatou-se que para resolver os problemas relacionados à pestana, basta acrescentar algumas notas de tensões no lugar de acordes comumente usados. Por exemplo: substituição da tríade de Si menor pela téttrade de Si menor com sétima e décima primeira. Veja na figura 1:

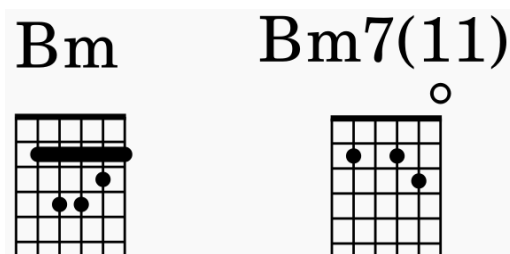


Figura 1: Acorde “Bm” e “Bm7(11)”. Fonte: elaborada pelo autor

Em relação à mudança de acordes, houve ligação aos fundamentos da literatura pianística, onde a prática de “fôrmas” de acordes fora do instrumento é constante. Entretanto, propuseram exercícios de fôrma dos acordes fora do violão, assim como as práticas pianísticas. Dessa maneira, a memória motora relacionada a formação dos acordes seria solidificada, sem a necessidade de estar com o instrumento.

Em resposta à dificuldade encontrada pelos alunos, propuseram-se exercícios de montagem da fôrma dos acordes fora do instrumento, observando que o contato com as cordas fosse feito de forma simultânea, dessa maneira reduzindo o tempo de troca entre os acordes, competência necessária para a prática do instrumento. (JÚNIOR, 2016, p. 355).

E por fim, para sanar as dificuldades em torno das levadas, baseou-se no método de musicalização Dalcroze, onde há grande uso dos movimentos corporais, dividindo-os em etapas de silabação rítmica, movimento corporal, movimento do braço direito e dedos, toque no violão e círculos de improvisação. Deste modo, o dedo polegar foi representado pela sílaba “tum” (grave), o indicador pela palavra “chique” (médio), ocorrendo movimentos ascendentes e descendentes e o rasgueado com a sílaba “pá” (agudo). Tal abordagem possibilitou a execução de ritmos como: balada, pop, toada, funk, baião e pop rock. A figura a seguir representa tais abordagens:

The figure displays six musical exercises, numbered 1 through 6, each on a single staff with a treble clef. The exercises are as follows:

- Exercise 1:** Time signature 4/4. Lyrics: Tum que chi que | Tum que chi que.
- Exercise 2:** Time signature 6/8. Lyrics: Tum Tum pa chi que | chi que Tum pa.
- Exercise 3:** Time signature 6/8. Lyrics: Tum que chi que chi que | pa que chi que chi que.
- Exercise 4:** Time signature 4/4. Lyrics: Tum que chi que chi que Tum que | chi que chi que pa que chi que.
- Exercise 5:** Time signature 4/4. Lyrics: Tum que chi que | que que pa.
- Exercise 6:** Time signature 4/4. Lyrics: Tum | chi que | que pa.

Figura 2: Levadas. Fonte: Figura do autor com base em Júnior (2016)

Contudo, para que o aprendizado de qualquer instrumento seja possível, é necessário que haja uma metodologia elaborada para o ensino on-line, passando por questões gestuais/visuais, facilitando a aquisição de musicalidade do aluno durante o processo de aprendizagem, principalmente, se o mesmo estiver no estágio inicial do contato com o instrumento.

1.3.2 O Violão Erudito

Para basear o presente subitem, utilizaremos o olhar do didata do violão Henrique Pinto, em seu método *Iniciação ao violão, Vol I*. Embora não seja um método direcionado exclusivamente para o Ensino a Distância, o mesmo poderá ser levado às salas de aulas virtuais, através do método digitalizado ou impresso e por videoaulas, bem como por vídeo-chamadas. Com o intuito de subdividir os problemas recorrentes à iniciação ao violão, no que circunscreve a postura do instrumento em

relação ao corpo até a postura das mãos, o autor relata que o ensino do violão se concentra, em maioria, na formação de virtuosos da maneira mais rápida possível. Entretanto, essa perspectiva traz consigo frustrações inerentes ao aprendiz do instrumento, pois deve-se levar em consideração a evolução natural de cada indivíduo. Os objetivos do método para melhoria de postura, em ordem são:

1. Onde sentar e como sentar;
2. Colocação do violão:
 - a) Pontos de apoio;
 - b) Ângulo do braço do violão com relação ao chão;
 - c) Distância do braço do violão com relação ao tronco.
3. Mão direita:
 - a) Colocação do antebraço;
 - b) Distância do pulso com relação ao tampo do violão;
 - c) Ângulo dos dedos com relação às cordas I.M.A. e P. (Indicador, Médio, Anelar e Polegar).
4. Mão esquerda:
 - a) Colocação do ombro, braço e antebraço;
 - b) Sensação de equilíbrio entre o braço e antebraço, tendo no cotovelo a sensação de gravidade (peso);
 - c) Relação do pulso, referente a mão e antebraço;
 - d) Colocação do polegar;
 - e) Distância entre o polegar e indicador, com relação ao braço do violão;
 - f) Distância de uma casa entre o indicador, médio, anelar e mínimo;
 - g) A movimentação dos dedos, da 1ª, 2ª e 3ª cordas; em direção a 4ª, 5ª e 6ª cordas, com a ajuda de todo o braço, visando principalmente o cotovelo como elemento impulsionador.
 - h) Quando do salto, ou melhor, deslocamento de posições, manter os dedos sempre abertos e naturais.

O método aborda também questões teóricas como leitura de partitura e posteriormente sua aplicação prática, onde há várias peças que contemplam o nível inicial do aprendiz. Ademais, o método possui dois volumes, *Iniciação ao violão Vol. I* e *Iniciação ao violão Vol. II*, e como continuação desse processo, Henrique Pinto elaborou outro método, nomeado *Curso progressivo de violão*.

É válido salientar que o presente método não é indicado para crianças, assim como para pessoas que não possuem contato o instrumento. Para esses fins, outras metodologias como: *Metodologia Suzuki*⁶ e *La Escuela de la Guitarra*⁷.

Como destaque no ensino on-line de violão, podemos citar a plataforma de ensino musical “*Tonebase*”⁸ onde o usuário poderá assistir tutoriais de grandes referências do instrumento. A plataforma contém também videoaulas para os instrumentos piano e violino. Para mais detalhes,

1.4 O ensino de Contrabaixo Elétrico

Visto que não há metodologia específica para o ensino de contrabaixo elétrico on-line, neste subitem apresentamos um método de ensino que não necessariamente foi criado para o ensino on-line, mas que pode ser adaptado para o mesmo fim.

Indica-se o método *Contrabaixo elétrico composite Vol. I* do baixista, professor, compositor e produtor Dan Dean. O volume 1 contempla assuntos que contribuem para a evolução do iniciante ao instrumento. O material é disponibilizado em versão impressa ou digitalizada, com acesso gratuito na internet e conta com playalongs em arquivos mp3, também gratuitamente. Ademais, esta publicação possui três volumes, nos quais são abordados assuntos referentes a postura, técnica, teoria musical e organiza os conteúdos de forma progressiva, para melhor compreensão do aprendiz. Segue, na figura abaixo, a estruturação do primeiro volume:

⁶ Criado pelo professor Shinichi Suzuki (1898-1998), o método foi concebido para desenvolver o potencial inato de todas as crianças. Disponível em: <https://www.associacaomusicalsuzuki.com.br/metodologia-suzuki/>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

⁷ Método de violão criado por Rodriguez Arenas.

⁸ Disponível em: <https://www.tonebase.co/>

ÍNDICE

1

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1. Sobre o Autor | 30. Colcheias |
| 2. O Baixo Elétrico | 32. Melodias com Colcheias |
| 3. Posições para Tocar | 32. Walkin' |
| 4. Afinando com o CD | 32. Sidewinder |
| 5. Auto Ajuste | 33. Heavy |
| 6. Técnicas da Mão Direita | 34. Introdução à 5ª. Posição |
| 7. Usando os Dedos | 35. Notas na 4ª. Corda |
| 8. Exercícios com Corda Solta | 36. Notas na 3ª. Corda |
| 8. Como ler a Tablatura com Cordas Soltas | 37. Notas na 3ª. e 4ª. Corda |
| 10. Símbolos Musicais | 38. Some Jazz |
| 11. Indicações de Compasso | 38. Baroque Song |
| 12. Exercícios com Corda Solta | 39. Notas na 2ª. Corda |
| 14. O Alfabeto Musical | 40. Notas na 1ª. Corda |
| 14. A Mão Esquerda | 41. Notas na 2ª. e 1ª. Corda |
| 16. Notas na 4ª. Corda | 42. Ligaduras |
| 18. Notas na 3ª. Corda | 43. Melodias com as Quatro Cordas |
| 20. Movin' | 43. Syncho |
| 21. Tracks | 44. Dance with me |
| 22. Notas na 2ª. Corda | 45. As Semínimas Pontilhadas |
| 24. Melodias com as Cordas 2, 3 e 4 | 46. Quadrangle |
| 25. Go Easy | 46. Why Not ? |
| 26. Notas na 1ª. Corda | 47. Oh, Yes ! |
| 28. Melodias com as Cordas 1, 2, 3 e 4 | |
| 28. Rock it | |
| 28. Country Man | |

Figura 3: Índice do método *Contrabaixo elétrico composite Vol. 1*. Fonte: Dan Dean (1982, p. 1)

A aplicação dos métodos supracitados (*Iniciação ao violão e Contrabaixo elétrico composite*) no ensino on-line do instrumento, pode ocorrer principalmente pelo conhecimento procedimental. Ambos possuem algumas imagens demonstrativas das posturas mencionadas, e como na atualidade há uma gama de softwares de registro audiovisual e de vídeo-chamadas disponíveis. Para potencializar o ensino musical on-line, os mesmos devem ser utilizados sempre que possível, a fim de demonstrar com o máximo de exatidão, as posturas sugeridas, colaborando com o desenvolvimento de cada aluno.

Referente às questões que envolvem a aplicação de conhecimentos procedimentais para o ensino de instrumentos musicais em EaD, Daniel Gohn cita David Elliot:

David Elliot (1995: 53) explica essa dificuldade em tratar verbalmente da questão ao dizer que “fazer música é essencialmente uma questão de conhecimento procedimental”. O autor fala das formas multidimensionais dos conhecimentos envolvidos no que se chama de musicalidade, mas ressalta que a “musicalidade é demonstrada em ações, não em palavras”. As palavras podem apenas descrever o que acontece em uma música, mas não explicam o que realmente acontece quando músicos tocam e improvisam. (GOHN, 2009, p. 86).

Por fim, a revisão de literatura apresentada buscou informações sobre a origem do ensino on-line na longa tradição do EaD, além de trazer à tona, elementos peculiares ao ensino musical e ao ensino de instrumentos musicais de cordas dedilhadas.

No próximo capítulo, a presente pesquisa destaca, por meio de entrevistas com professores de música no modelo on-line, opiniões, estratégias e sugestões acerca de produção artística e ensino musical através da internet.

2 ENSINO ON-LINE DE CORDAS DEDILHADAS NO MOMENTO PANDÊMICO

Segundo o site “Blog Terra Empresas”⁹, a área artística foi uma das mais afetadas com a proliferação da COVID-19. Pintores, artistas plásticos, artesãos, músicos e outros encontraram na internet uma forma de não interromper seus trabalhos. Essa perspectiva é direcionada para o contexto de aulas particulares, e os trabalhadores da classe musical que não eram conhecidos pelas grandes mídias, se depararam com a dificuldade em se monetizarem virtualmente, pois suas apresentações musicais eram realizadas majoritariamente de forma presencial. Por outro lado, muitos músicos e cantores atuaram paralelamente como professores e em alguns casos, a realização de videoaulas e cursos por vídeo-chamadas já ocorriam antes da pandemia.

Como metodologia central desta pesquisa, realizou-se entrevista com três profissionais que atuam como professores de contrabaixo e violão no modelo de ensino on-line mediado por tecnologia e pela internet. As entrevistas aconteceram por meio das plataformas Google Meet e Zoom. O Entrevistado 1 e a Entrevistada 2 possuem uma escola de música presencial e on-line para diversos instrumentos, além de oferecerem mentorias e cursos para professores de música que desejam se desenvolver na carreira como profissionais autônomos. O Entrevistado 1 possui experiência em aulas de violão e contrabaixo no ensino presencial e on-line. Atualmente, se concentra no ensino on-line e possui uma escola de música on-line, juntamente a Entrevistada 2, que é administradora da escola de música. Já o Entrevistado 3, atua como professor de violão, contrabaixo e métodos composicionais, além de possuir sólida trajetória artística como instrumentista, cantor, compositor e arranjador.

Abaixo encontra-se o roteiro da entrevista com as perguntas norteadoras:

Perguntas norteadoras

1. Por qual motivo ou motivos o senhor atua no Ensino Online? Existem mais pontos positivos, ou mais pontos negativos? Por favor, justifique-os.
2. Desde quando senhor leciona online?

⁹ Disponível em: <https://www.terraempresas.com.br/blog/8-profissoes-que-se-reinventaram-em-2020>. Acesso em 7 de maio de 2022.

3. Quais são as lacunas que o ensino online tem, na sua visão? E quais recursos o senhor utiliza para supri-las?
4. Em quais níveis de ensino e perfis de aluno o senhor se concentra? Iniciante, intermediário ou avançado? Amadores ou profissionais? Estudantes universitários ou de conservatórios?
5. Quais metodologias o senhor utiliza para o ensino online do seu instrumento? Diferenças de abordagem para o iniciante, intermediário e avançado, se houver.
6. Quais equipamentos o senhor utiliza para as videoconferências e para as gravações? Tecnologias físicas e lógicas (exemplificar: computador, celular, tablet, programas, aplicativos, microfones, interfaces, câmeras, fone de ouvido, caixas de som, iluminação, etc...).
7. Você tem site/plataforma/fórum/grupo de WhatsApp para além das aulas síncronas (um grupo de fomento)? Se sim, para qual finalidade o senhor a utiliza? E como planeja os conteúdos dessa ou dessas plataformas?
8. Prefere lecionar presencialmente ou online? Por quê?
9. Qual sua perspectiva em relação ao futuro do ensino online?
10. Após o término da pandemia, o senhor pretende se manter ativo nesta modalidade de ensino?

A escolha dos entrevistados aconteceu pelo fato atuarem como contrabaixista e violonista; focarem no ensino on-line de ambos instrumentos; e por serem professores autônomos. É válido destacar que a Entrevistada 2 não é musicista.

2.1 Pontos e contrapontos

Muitos professores autônomos, antes da pandemia, deslocavam-se até as casas de seus alunos, acarretando certo desgaste físico e mental, que posteriormente reverberava na condução da aula. Além disso, o tempo de deslocamento e gasto com transporte são dificuldades constantes para quem realiza aulas a domicílio. O Entrevistado 1 relatou que gastava mais de quinze horas por semana com deslocamentos, quando ainda não lecionava majoritariamente on-line. Imbricado a

isso, é necessário um planejamento da grade de horários, de modo a evitar atrasos. O primeiro entrevistado afirmou que imprevistos antes das aulas, sobretudo na ocorrência de atrasos por parte do professor, podem acarretar um descontrole de horários: “Você sai um pouquinho atrasado de um lugar para o outro você calcula trinta minutos, aí choveu, trinta vira cinquenta, aí atrasa um aluno, atrasa o outro, vira uma bola de neve” (ENTREVISTADO 1). Essa mudança de horários pode levar ao descontentamento por parte dos alunos e culminar em eventuais desistências.

Nesse sentido, o ensino on-line demonstra vantagens, como a viabilização de mudanças de horários, redução de gastos e de tempo com deslocamentos. Dialogando com tal perspectiva, comentou-se:

[...] você está em casa, você consegue montar um organograma totalmente a favor da disponibilidade sua e do aluno, você não precisa sair de casa uma hora antes ou então ficar esperando o aluno que atrasa, [...] que pode avacalhar seu cronograma também, sua agenda, o recebimento é on-line também, Pix hoje em dia e tal, é bem tranquilo [...]. (ENTREVISTADO 3).

Entretanto, a comodidade inerente ao ensino on-line tende a ser um ponto determinante para alunos e professores que decidem aderir a esse modelo de ensino. Acrescentam-se também as diversas possibilidades oferecidas como assistir as aulas, que são gravadas, em outro momento. Nem sempre é possível captar todas informações levadas a aula pelo professor, deste modo, reassisti-la pode contribuir para maior compreensão ou nova percepção de determinado assunto. Sobre esta característica do ensino on-line, o professor disse: “[...] quando você vai fazer uma aula presencial não necessariamente você põe o celular para ficar filmando, ficar gravando [...]” (ENTREVISTADO 3).

Além disso, cabe salientar o caso de alunos que possuem idade mais avançada, que optam por aulas particulares a domicílio. Tais perfis se sentem desconfortáveis, principalmente se o professor for mais jovem que ele. Sobre tal questão, o Entrevistado 1 argumentou:

[...] o adulto, ele se sente um pouco invadido quando você vai na casa dele, e ele se sente um pouco exposto quando você vai lá. Você é mais novo que ele, você está ensinando uma coisa para ele, e ele não consegue fazer de primeira, e ali na casa dele e tal o filho olhando, a mulher, a cobrança dele com ele mesmo: [...], mas no on-line o cara se fecha no escritório dele, você não vai na casa dele. [...] Ninguém está sabendo que ele está tendo aula, então os alunos adultos, a gente tem observado isso, eles ficam mais tempo com a gente fazendo aula on-line. (ENTREVISTADO 1).

Uma das possibilidades que o ensino on-line traz, é o fato de se estudar com professores e/ou artistas renomados. Basta o acesso a uma conexão de internet que permita a realização de vídeo-chamadas, um equipamento mínimo e o contato com o professor por meio de e-mail, Instagram, Facebook ou WhatsApp para organizar todos os trâmites e usufruir de uma interação on-line. Sobre essa perspectiva, Litto e Formiga comentam:

Enquanto na Renascença era comum os aprendizes viajarem pela Europa para estudar com renomados mestres em países distantes, hoje é possível fazer tais estudos sem sair de casa. A tecnologia permite-nos ter acesso a centros de ensino em uma escala global. (LITTO; FORMIGA, 2009, p. 16).

Dialogando com esse ponto mencionado por Litto e Formiga, o Entrevistado 1 relata que profissionais que residem em um país que têm defasagem cambial, obtêm maior lucro com seu trabalho ao oferecer aulas ou cursos para alunos de países com maior poder de compra.

Embora haja vantagens no ensino on-line, há também lacunas. A teoria dos conhecimentos procedimentais apontada por Gohn (2009), indica estratégias facilitadoras e balizadoras do aprendizado musical on-line. No ensino presencial, a transmissão de conhecimentos procedimentais por contato físico faz diferença, sobretudo, para aqueles que estão se iniciando ao instrumento. Contudo, o professor necessita elaborar planos de aulas e atividades extras que supram a demanda de demonstrações por toque físico. O relato seguinte corrobora com esta observação: “[...] alguns alunos precisam de uma atenção de tipo às vezes pegar no dedo do aluno e colocar no lugar certo, isso você não consegue fazer, tocar junto com o aluno no mesmo tempo ainda não dá, [...]” (ENTREVISTADO 1).

Além das aulas síncronas, o envio de videoaulas sobre assuntos específicos de postura e posicionamento de mãos em relação ao instrumento, no que tange formação de acordes, ritmos e possíveis timbres. O compartilhamento de tablaturas e partituras também é importante ao longo da trajetória do aluno. E como já mencionado anteriormente, o suporte ofertado pelo professor tem papel fundamental em sua relação pedagógica com o aluno, buscando sempre motivá-lo.

O fato de alguns estudantes não possuírem equipamentos que possibilitem a realização de vídeo-chamadas estáveis se torna, em algumas ocasiões, um problema. Nesses casos, parte do tempo da aula é dedicado à resolução de problemas relacionados a softwares do computador, notebook, celular ou semelhantes. O Entrevistado 3 relatou: “[...] eu tinha um aluno que sempre dava problemas porque

ficava uma configuração do Zoom minha com ele que era meio chato, assim, começava a pintar ruído no meio do negócio e era meio chato, [...]”.

Sobre tal relato, Gohn (2020) aponta que “também os indivíduos motivados e maduros poderão sofrer com entraves diversos, a exemplo de limitações com tecnologias, falta de equipamentos apropriados e dificuldades com as metodologias de ensino.” (GOHN, 2020, p. 167).

Por outro lado, a internet trouxe novas direções para que o músico-professor autônomo ganhasse voz ativa, sem depender de terceiros para divulgar seus trabalhos. Dialogando sobre tais eventos, ao ser questionado sobre sua continuidade no ensino on-line em um futuro pós-pandemia, o Entrevistado 3 relatou:

Com certeza, com certeza eu vou continuar dentro do possível, [...], mas, assim, eu sempre vou, eu quero gravar mais cursos, eventualmente, [...]. Eu acho a aula mais dinâmica e, dependendo da situação até mais rentável, se você tem uma quantidade boa de alunos a aula é um pouco mais cara do que o curso, então embora o curso você grave e deixe lá vendendo também, se tiver uma publicidade boa você vende muito e ganha mais dinheiro, mas eu, assim, eu com certeza pretendo continuar dando aula sempre que possível, e fazendo curso também. (ENTREVISTADO 3)

A economia de tempo e energia que os professores ganham ao lecionar pela internet, permite que desenvolvam outras atividades dentro de seu ofício. O Entrevistado 1 estabeleceu a seguinte proposta, visto que é proprietário de uma escola de música presencial e virtual, juntamente a Entrevistada 2:

[...] não vou voltar a aula presencial, como a gente tem uma escola então a minha proposta para 2022 é o seguinte, os alunos, meus alunos que fazem aula comigo se quiserem continuar comigo vai continuar on-line [...] quem quiser ter aula presencial vai ter aula com alguns dos professores da escola. [...]. Aí eu vou continuar trabalhando de casa, dar atenção para as outras coisas que eu faço também, vender os cursos on-line, livros e etc. (ENTREVISTADO 1).

Sendo assim, apesar da presença de obstáculos em torno do ensino on-line, é possível torná-lo eficaz, sobretudo, quando há interesse do professor e do aluno e que ambos queiram realizar aulas pela internet. Assim como veremos adiante, os entrevistados enfatizam a necessidade do professor entender o motivo pelo qual o aluno busca por aulas de instrumento, e deve direcionar sua metodologia para esse propósito.

2.2 Atividades didáticas durante a pandemia

Os entrevistados relatam que as atividades, antes realizadas presencialmente, foram adaptadas para a modalidade on-line, através de vídeo-chamadas e produções

audiovisuais. Tocar junto com o aluno e “guiá-lo” durante a música não seria possível sem a presença física do professor. Porém, algumas alternativas são utilizadas para suprir essa lacuna. Em sua escola de música presencial, o Entrevistado 1 e a Entrevistada 2 realizaram práticas em conjunto em dois eventos, um no meio do ano e outro no fim do ano. Em 2020, para que as apresentações continuassem, foram elaborados dois vídeos, visto que era um dos poucos recursos possíveis naquele momento. O primeiro, com uma música temática de festa junina e o segundo, no fim do ano, com uma música com temática natalina. A Entrevistada 2 disse que as apresentações em vídeo aconteceram com a participação de todos os alunos: “[...] a gente fez dois vídeos de janelinha [...]”, em cada janelinha havia um aluno. Em 2021, os eventos foram substituídos por saraus, também nas mesmas datas mencionadas. Aconteceram pela plataforma Zoom, onde cada aluno tocou uma música. Além disso, o evento contou com a participação das famílias, que acompanharam as apresentações, assim como acontecia presencialmente antes da pandemia.

A Entrevistada 2 pontuou que o sarau de 2021 foi benéfico para os alunos, pois outrora, as apresentações presenciais aconteciam com uma banda de base, com a qual os alunos tocavam juntos, porém, sem demasiada exigência. O sarau proporcionou uma nova vivência para os estudantes, que se expuseram em performances solos, o que acarretou certo grau de dificuldade relacionado a questões psicológicas. Sobre esta eventualidade, o Entrevistado 1 disse:

[...] aí a gente chamou de sarau para dar um nome mais leve, já que tinha esse negócio de ao vivo e tal. “Gente não é uma apresentação, é um sarau, imagina que você está na sala da sua casa cada um num sofá, e aí você vai fazer um som com os seus amigos”. Para tirar um pouco essa pressão de ter que acertar [...]. (ENTREVISTADO 1).

O Entrevistado 3 abordava as mesmas atividades tanto em aulas presenciais quanto on-line, pois sua condução didática não segue, necessariamente, uma metodologia específica. O Entrevistado narra que a condução de suas aulas ocorre de acordo com as conversas com o aluno, entendendo seus gostos musicais e quais seus objetivos perante o instrumento e a teoria musical.

Através destes relatos coletados, percebe-se que o ensino on-line possui características similares ao ensino presencial, e um dos pontos em comum observados reside na prática de atividades didáticas.

2.3 Posicionamento do professor de música nas redes

Os entrevistados afirmaram que a internet possibilitou que professores de música construíssem e divulgassem seus portfólios sem a necessidade de contratação de um profissional. O fato de estarem logados em suas plataformas, possibilitou que seus trabalhos fossem divulgados gratuitamente e fez com que os serviços prestados fossem expandidos para além da localidade onde residem. Nos ambientes virtuais utilizados, professores e alunos podem armazenar vídeos de suas apresentações, dicas ou aulas completas em vídeo ou textos para aqueles que se interessam em aprender um instrumento musical.

A Entrevistada 2 mencionou a importância da presença virtual, mesmo que não seja de interesse do professor atuar no ensino on-line: "[...] a internet hoje ela é a vitrine, ela é o cartão de visitas de todo o mundo, não funciona mais entregar panfleto na rua, não existe mais isso [...]". Os entrevistados 1 e 2 mencionaram a importância de possuir contas, principalmente, nas plataformas: Instagram e YouTube. Afirmaram que não há a necessidade de se submeter a números de postagens e horários supostamente adequados, mas que é preciso conterem em ambas plataformas, conteúdos que transpareçam traços de sua personalidade e de seu profissionalismo. Dessa forma, as pessoas que buscam por seu trabalho, terão uma amostra. Dialogando com os entrevistados 1 e 2, o Entrevistado 3 relatou que seu posicionamento no Instagram ocorre por postagens que não segue um cronograma de horário específico:

[...] eu posto bastante em épocas mais específicas. [...] eu sempre estudo. Então estou estudando em casa, [...] estudei, estudei, estudei e falei: "vou fazer um vídeo". E aí eu faço um vídeo e posto, interação, muitos perguntam sobre as aulas, muitos perguntam sobre os cursos, e eu vou disponibilizando dessa forma, de uma forma meio orgânica [...]. (ENTREVISTADO 3).

Nota-se que, para que haja essa interação do público, é necessário trabalhar em uma comunicação eficaz. Assim, estimula-se que os indivíduos que acessam a rede social do curso se sintam conectados ao professor. No entanto, é essencial se atentar a questões relacionadas ao nicho de atuação. Se o professor foca em ensinar pessoas em nível intermediário, deverá realizar postagens que condizem com esse perfil de público. Do mesmo modo, profissionais que se dedicam ao ensino de iniciantes, que nunca tiveram o contato com o instrumento, deverão realizar postagens congruentes com o nível de aprendizagem onde se pretende atuar. Sobre esse quesito, o Entrevistado 1 exemplificou: "Tem muita gente: "pô eu quero dar aula para

criança, eu quero dar aula para iniciante. Aí posta tocando um solo do Steve Vai. Cara, criança não vai conectar com aquilo.” Com esta afirmação na entrevista, percebe-se a importância da conexão de interesses que o instrutor on-line necessita estabelecer com seu público. Para também atingir o público alvo visado, é válido documentar partes das aulas e/ou depoimentos de alunos e disponibilizá-los nas plataformas. Isso trará lastro profissional e as pessoas que se depararem com estas informações, se certificarão que o trabalho desenvolvido pelo professor é validado.

Outra forma de adquirir êxito em seu trabalho nas redes sociais é atentar-se aos *hits* do momento e aproveitar o autoconsumo da população em geral. Tentar alcançar o público alvo de formas distintas faz com que ele perceba sua atividade e sua notoriedade como professor. Sobre essa perspectiva, a Entrevistada 2 ponderou:

[...] a Anitta lançou lá o Garota de Ipanema, então postar essa música é muito legal.: “Hoje postar o Garota de Ipanema falando assim vocês sabiam que a música que a Anitta tem uma relação com essa música aqui que é uma Bossa Nova lançada em mil novecentos e... [...]”. (ENTREVISTADA 2).

De toda forma, é necessário conduzir a rede social com profissionalismo. A postura ética do professor deverá ser uma constante nas aulas particulares e na condução de cursos estruturados em plataformas digitais.

2.4 Recursos utilizados

2.4.1 Material didático

Ambos entrevistados relataram o uso de recursos disponíveis na internet, ao exemplo de plataformas de *streaming* como YouTube e Spotify e de mensagens instantâneas como o WhatsApp. O uso dessas plataformas pode contribuir para a evolução musical do aprendiz. No YouTube, são disponibilizados gratuitamente *Backing Tracks* (acompanhamentos pré-gravados). Este recurso faz com que o aluno toque com outros instrumentos, simulando a prática musical coletiva. Ademais, a plataforma possui a opção de diminuir a velocidade dos vídeos, facilitando a compreensão de determinados trechos que, porventura, podem conter certo grau de dificuldade para o aluno. Embora seja relevante o uso da plataforma para o aluno e professor, é necessário cautela por parte do aprendiz, uma vez que conteúdos de fontes duvidosas também estão disponíveis gratuitamente no YouTube. Portanto, é recomendável consultar as sugestões do professor. Sobre essa defasagem, Fonseca (2022) menciona:

Sobre sugestão de vídeos que exemplifiquem conhecimentos procedimentais pelo YouTube, percebeu-se certo ceticismo do terceiro entrevistado, pois outros vídeos recomendados pelo algoritmo da plataforma virão atrelados ao vídeo sugerido pelo professor. Portanto, se o estudante não souber filtrar as informações, acabará consumindo conteúdos de fontes duvidosas ou de qualidade questionável, o que prejudicaria a aprendizagem correta de tais conhecimentos. (FONSECA, 2022, p. 114).

O Entrevistado 1, por exemplo, relatou que em suas aulas por vídeo-chamadas, envia links do YouTube de determinada música e materiais de apoio didático como PDFs com cifra, tablatura ou partitura, através do WhatsApp, para que o aluno possa acompanhá-la durante a aula. O aprendiz deverá abri-la ao celular para que a análise do professor seja a mais fiel possível. Percebe-se que o uso do WhatsApp é corriqueiro entre os entrevistados, e muitas vezes é utilizado como fichamento das aulas e bloco de notas. O Entrevistado 3, em suas práticas docentes, faz anotações de referências musicais no WhatsApp do aluno para que, posteriormente, acesse estas informações: “[...] estou falando aqui de uma referência e você não conhece, eu vou e escrevo no WhatsApp na hora para não esquecer também [...]”.

Outras plataformas, como o Spotify, por exemplo, são usadas para o mesmo fim. O compartilhamento de playlists entre professor e aluno possibilita uma certa identificação de seus perfis de preferência musical. Deste modo, o professor entende amplamente o gosto do aluno e poderá traçar planos didáticos com ênfase nos gêneros e estilos de sua predileção. O professor também poderá apresentar ao estudante novas playlists, para enriquecer as suas referências musicais. Ao considerar o gosto musical de seu pupilo, o aprendizado se torna mais prazeroso. O Entrevistado 1 relata que muitas das vezes, o que leva uma pessoa buscar por aulas de instrumento, é o desejo de tocar sua música favorita. É necessário refletir sobre estratégias didáticas e facilidades que possibilitem essa conquista, de modo a fidelizar o aluno. Sobre essa ponderação, o Entrevistado 1 exemplificou:

Já tive experiência cara, de ensinar música para o aluno, de dois acordes, que o aluno não consegue, não conseguir tocar uma música que ele não conhece. E uma música que o aluno conhece, tipo dez acordes, é muito mais fácil, é impressionante. (ENTREVISTADO 1).

Os entrevistados pautam suas metodologias de acordo com o desejo do aluno. O Entrevistado 1, por exemplo, se baseia em metodologias construtivistas¹⁰, uma vez

¹⁰ Metodologias construtivistas são baseadas no pensamento do psicólogo suíço Jean Piaget. Em Piaget, o construtivismo como método educacional, foca no aluno e em sua autonomia, estimulando-o a solucionar problemas, elaborar hipóteses e questões (nota minha).

que frequentou escolas que as abordavam, e afirma que auxiliam na construção do desenvolvimento do aluno através da prática. Além disso, enfatiza a importância do trabalho de apreciação musical que, muitas vezes, é negligenciado por professores, conforme atesta o relato seguinte:

Às vezes, antes de ensinar a música para aluno eu peço para ele me dizer quantas partes tem a música [...] aí a gente vai identificar o porquê que mudou de uma parte para outra [...] eu vou muito assim na descoberta, tentando descobrir com aluno. (ENTREVISTADO 1).

Sobre o fato de utilizar a apreciação musical como meio de enriquecer a musicalidade do estudante, Fonseca (2022) comenta sobre tal prática no âmbito de ensino de trompete a distância em universidades brasileiras:

Embora haja enfoque no desenvolvimento de compreensão de partituras e aquisição de bons hábitos físicos ao trompete, esta proposta de iniciação em EaD também preza por uma abordagem calcada no prazer em se ouvir e se fazer música, explorando o potencial educativo do repertório e dos materiais didáticos. (FONSECA, 2022, p. 192).

A utilização de metodologia pré-estabelecida pode funcionar em dados momentos, mas, é válido que o professor reflita sobre a efetivação da mesma, levando em consideração o estágio em que o aluno está, suas dúvidas ao decorrer da aula e os seus objetivos como instrumentista.

2.4.2 Tecnologias

O Entrevistado 1 relatou que, no início de sua jornada no ensino on-line, sua principal ferramenta era o celular e passou a utilizar o computador, devido ao tamanho da tela: “[...] para dar aula no celular, a tela ficou pequena para mim um pouco, mas funciona, dá super certo. Mas hoje eu uso computador que tem a tela maior [...]”. O Entrevistado 3, em suas aulas síncronas e cursos on-line relata que utiliza computador ou notebook, e menciona que antes de adquirir o computador, trabalhava com o notebook: “Eu tinha o MacBook, tenho ainda, mas eu usava para dar as aulas e para gravar, fazer tudo, e troquei recentemente em janeiro desse ano e peguei um outro computador.”

Para que o professor consiga demonstrar gestos que, segundo Gohn (2009), são classificados como “conhecimento procedimental”, é necessária uma webcam que garanta qualidade de imagem. O Entrevistado 1 não informou a marca de sua webcam, mas mencionou que utiliza a câmera do próprio notebook ou do celular. Posteriormente, adquiriu uma Webcam Full HD, cuja marca tampouco foi mencionada.

Em sua fala, o primeiro entrevistado ressaltou a importância em se obter uma boa webcam: “[...], mas é importante ter uma webcam boa, então eu comprei uma webcam legal de Full HD”. O Entrevistado 3, utiliza uma webcam avulsa para o computador da marca Logitech e salientou que o modelo adquirido não figura dentre os topos da categoria. Outro aparelho que contribui para que as vídeo-chamadas ocorram com boa qualidade é o fone de ouvido¹¹, sobretudo aqueles com microfone embutido pois evitam os feedbacks com o áudio de ambos participantes da chamada, além de aumentar a qualidade sonora. Apesar desta indicação, o Entrevistado 1 utiliza o fone apenas quando as caixas de som do computador apresentam algum problema. O Entrevistado 3 não se manifestou sobre o uso de fones em suas práticas docentes. Ademais, para aprimorar a captação de imagem nas vídeo-chamadas, o Entrevistado 1 faz uso de uma luminária de leitura e o Entrevistado 3, de um abajur.

Os entrevistados conectam seus microfones a interfaces de áudio para que o som de suas vozes e de seus instrumentos cheguem aos alunos com a melhor qualidade possível. O Entrevistado 1 alega que utiliza esporadicamente o modelo Scarlett, da marca Focusrite. Para o Entrevistado 3, a interface é corriqueiramente empregada em sua rotina como professor on-line. O aparelho utilizado é o modelo Apollo Twin da marca Universal Áudio. O microfone utilizado é o AKG c214, além de dois autôfalantes HR5, da Yamaha.

As tecnologias analógicas utilizadas pelos entrevistados são:

- 1- Celular ou computador/notebook;
- 2- Fone de ouvido ou caixas de som;
- 3- Luminária de leitura;
- 4- Interface de áudio e
- 5- Microfone.

As tecnologias digitais empregadas pelos entrevistados nas vídeo-chamadas são as plataformas seguintes: Skype; Zoom; Google Meet e Hangouts; WhatsApp e Facebook. Atualmente, os entrevistados fazem maior uso do Zoom.

Conforme relatado anteriormente, o Entrevistado 1 e a Entrevistada 2 são proprietários de uma escola de música on-line. São fornecidos para aluno e

¹¹ Disponível em: <https://canaltech.com.br/fone-de-ouvido/muitas-videoconferencias-se-liga-nessas-dicas-para-seu-audio-ficar-cristalino/#:~:text=Ao%20usar%20fones%20de%20ouvido,o%20ambiente%20ao%20seu%20redor.> Acesso dia 24 de maio de 2022.

professores da escola logins individuais de acesso. Os entrevistados 1 e 2, que são os coordenadores, possuem acesso a elementos extras da plataforma. Nela, são disponibilizados: metrônomo; playalongs; videoaulas sobre assuntos específicos, como leitura e percepção musical; quadro de horários e plataforma de vídeo-chamadas. Sobre os conteúdos disponibilizados, o Entrevistado 1 ressalta: “Tem um monte de coisas que dá para se divertirem lá, inclusive fora do horário da aula.”

Além da plataforma, que foi criada por uma empresa que desenvolveu um portal de conteúdo digital criado para que a escola de música possa fornecer aos seus alunos conteúdos exclusivos de apoio aos estudos, o Entrevistado 1 trabalha com softwares desenvolvidos para o estudo musical que contribuem com o planejamento para as aulas e para o estudo pessoal. Mencionou-se o aplicativo brasileiro Moisés¹², desenvolvido por Geraldo Ramos¹³. O aplicativo separa faixas de instrumentos, onde o usuário poderá controlar o volume ou silenciá-las. As faixas se constituem de voz, baixo, bateria, piano e “resto”. Outro aplicativo similar utilizado pelo entrevistado é o GarageBand, que possui uma série de simulações de instrumentos. O aplicativo foi desenvolvido pela Apple para que seus usuários realizem suas gravações caseiras. Outros softwares utilizados são os editores de partitura “Muscore” e “Finale”.

2.5 Níveis de aprendizagens observados

Os Entrevistados 1 e 2, possuem, majoritariamente, alunos iniciantes e intermediários, crianças e adolescentes, embora também haja, em menor proporção, um alunato formado por adultos e idosos. Ressaltam que há, excepcionalmente, alunos que desejam atuar profissionalmente. Nesses casos, as aulas se direcionam para um preparo que contemple as necessidades de um vestibular em música, questões práticas da carreira musical, atuação do músico no mercado musical brasileiro e gestão de carreira. O Entrevistado 1 citou que alguns estudantes, após certo período de aulas, demonstram interesse em se tornar profissionais da música: “[...] acabam sendo inspirados pelo trabalho por me ver ali tantos anos dando aula, por fazer shows, conhecendo as coisas, alguns acabam, pô legal, de repente eu posso ser músico também.” O Entrevistado 3 se concentra do nível iniciante ao avançado e

¹³ Desenvolvedor do aplicativo “Moisés”. Disponível em: Acesso em: 26 de maio de 2022.

ressaltou que, sobretudo no auge do período pandêmico, diversificou os níveis de aprendizagem. O professor contextualizou a sua maneira de lecionar:

[...] eu vou dando a aula de acordo com o bate papo com o aluno, assim, o que ele quer, com que ele trabalha, o que ele gosta de ouvir, qual o estilo dele, [...] que som que ele gosta de fazer. Então, vou ensinando coisas que eu sei que na grande maioria das vezes a pessoa não sabe exatamente do que eu estou falando. E pode ser qualquer nível, assim, qualquer nível mesmo. (ENTREVISTADO 3).

Pelos relatos fornecidos, percebe-se que é necessário entender os objetivos do alunato, para contempla-los de maneira orgânica, através de conversas prévias ou durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de conhecimento possibilitada pelos capítulos 1 e 2 demonstra que o ensino on-line, que ocorre tanto em EaD quanto em ERE, aglutina-se de facilidades que o ensino presencial não possui. Por outro lado, o mesmo não contempla os aspectos positivos do ensino presencial em ambiente físico. O contato pessoal e musical entre professor e aluno é um fator insubstituível para o aprendizado. Embora essas sejam ponderações relevantes, observa-se que o ensino on-line também pode atingir êxito, no que tange o a aprendizagem de um instrumento.

As TICs estão em constante evolução e cada vez mais presentes no cotidiano do professor contemporâneo, possibilitando interações que poderiam simular a presencialidade. Ademais, contribuem para que o aprendiz tenha contato constante com conteúdos musicais em formato de vídeo, áudio ou texto. Além deste ponto, o aluno pode ter contato com músicos, professores e colegas além de sua localização geográfica, descobrindo novas referências musicais e acessando diversos materiais sobre música compartilhados em grupos de fomento ou comunidades virtuais (GOHN, 2008). Ao mesmo tempo, é importante atentar-se sobre a procedência dos conteúdos, conforme mencionado anteriormente. Por consequência, o estudante pode se tornar mais independente do professor, uma vez que possui acesso há uma gama de materiais para serem pesquisados estimulando seu senso de autonomia. O acompanhamento de um professor qualificado é importante, assim como o usufruto das possibilidades que a tecnologia proporciona.

De todo modo, o professor que atua neste modelo de ensino, deverá acompanhar a evolução do aluno, propondo-lhe exemplos e demonstrações de conhecimentos procedimentais por vídeo-chamadas ou videoaulas pré-gravadas. A utilização de metodologias, como as mencionadas nos subitens 1.3 e 1.4, é de suma importância. Porém, salutar agregar estratégias que amenizem a rigidez do processo sistematizado pelos métodos, sobretudo com estudantes que buscam o fazer musical como lazer. O professor deverá se atentar às especificidades de cada aluno e modelar determinada metodologia de acordo com seus objetivos, dialogando com o pensamento construtivista de Piaget.

O acesso à vasta informação e a possibilidade de assistir aulas em qualquer lugar, sem a necessidade de estar em um ambiente físico, trazem conforto e “aproximam” professor e aluno que estão em localidades distintas. Embora muitos

sejam céticos sobre aulas on-line, ponderamos, a partir da visão dos profissionais entrevistados e os referenciais teóricos, pontos positivos e negativos para maior entendimento de tal modelo de ensino. Dito isso, o trabalho autônomo como professor de música pode adquirir maiores proporções, uma vez que as aulas on-line rompem com a barreira territorial, e podem ser requisitadas por eventuais alunos de países com maior poder de compra, ampliando possibilidades mercadológicas.

Ao refletir sobre os capítulos 1 e 2, conclui-se que a aderência ao ensino on-line é uma questão de perfil - sem levar em consideração o período pandêmico que vivenciamos, onde a única opção foi o ensino on-line. Os professores entrevistados se adaptaram bem ao modelo e observaram mais pontos positivos em relação à condução, logística e trâmites das aulas do que no modelo presencial e realçaram os requisitos mínimos necessários ao seu funcionamento, como smartphone conectado a uma boa conexão de internet, além do instrumento utilizado nas aulas.

Nota-se que a reciprocidade entre professor e aluno se torna algo genuíno quando ambos se interessam pelas aulas on-line sobretudo quando estas, conseqüentemente, resultam em resultados satisfatórios. É necessário também que aluno e professor tenham certos objetivos em comum para que haja usufruto destas atividades musicais virtuais, como: manusear softwares e hardwares; lidar com imprevistos relacionados à internet; desenvolver autonomia; progredir sem a necessidade de presença física do professor ou de uma classe (no caso do aluno). No caso do professor, saber identificar se o estudante se desenvolve bem ou não sem sua presença física.

Averiguou-se que o contato e a comunicação entre ensinante e aprendente, além das aulas síncronas, pode ocorrer por meio de ligações, mensagens por WhatsApp ou e-mails.

Por fim, observa-se que a presença do professor autônomo em redes sociais é inerente ao seu ofício. Anúncios em plataformas como Facebook Ads e Google Ads visam atingir o perfil de público alvo adequado para estas aulas. Através destas ferramentas, o usuário da plataforma pode selecionar dados demográficos, idade, estilo musical de predileção e demais características do público com o qual deseja trabalhar. Para que tal processo seja eficaz, o professor poderá elaborar um portfólio ou uma esteira de produtos¹⁴. A postagem de conteúdos referentes a assuntos que

¹⁴ Termo utilizado por especialistas da área de marketing (nota minha).

geram interesse em possíveis alunos é convidativa. Ademais, a publicação de registros audiovisuais feitos pelos estudantes em redes sociais permite mensurar sua evolução, registrar apresentações e divulgar as aulas.

Entretanto, o ensino on-line contém diversos pontos positivos e através deste modelo de ensino, o aluno tem a possibilidade de escolher o melhor horário para assistir as aulas e no local que lhe for conveniente. Além disso, não há a necessidade de deslocamento para a cidade onde determinada instituição ou professor reside. Por outro lado, é necessário ter uma conexão estável de internet para acompanhamento das aulas e para downloads de materiais de estudos. Bons hábitos e foco também acompanham esta modalidade de ensino.

Portanto, com esta pesquisa, visa-se contribuir com aqueles que atuam ou desejam atuar nesta esfera artístico-pedagógica, explorando as potencialidades das TICs. Espera-se que toda construção de conhecimento possibilitada pela revisão de literatura e coleta de dados, facilite o desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada, de norteadores para o futuro das aulas on-line e/ou a confecção de produtos didático-musicais.

REFERÊNCIAS

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. *Ciencia em Tela*, [s.l.], Vol 7, número 2, Pág. 1 a 10, 2014.

CRANE, D. *Invisible colleges: diffusion of knowledge in scientific communities*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

CHEDIAK, Almir. *Dicionário de acordes cifrados*. 2. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1984.

DEAN, Dan. *Baixo elétrico composite. Fermata do Brasil*. 1982.

ELLIOT, David J. *Music matters. A new philosophy of music education*. New York: Oxford University Press, 1995.

FONSECA, Érico. *Ponderações, estratégias e sugestões para o Ensino a Distância de trompete em Universidades brasileiras*. Tese (Doutorado em Música, na área de Música: Teoria, Criação e Prática), Universidade de Campinas, Instituto de artes. Campinas, 2022.

GOHN, Daniel Marcondes. *Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia*. *Tulha, Ribeirão Preto*, volume 6, n. 2, p. 152-171, julho de dezembro 2020.

GOHN, Daniel Marcondes. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. 175 páginas. São Paulo, 2002.

GOHN, Daniel Marcondes. *EDUCAÇÃO MUSICAL A DISTÂNCIA: PROPOSTAS PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE PERCUSSÃO*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. 190 páginas. São Paulo, 2009.

GOHN, Daniel Marcondes. *Um breve olhar sobre música nas comunidades virtuais*. *Abem, Porto Alegre*, Volume 19, 113-119, mar. 2008.

HODGES, Charles; TRUST, Torrey; MOORE Stephanie; BOND, Aaron; LOCKEE, Barb. *Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência*. *Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia* v. 2. Pág. 1 a 12, 2020.

JACKS, Estevan. *Ensino de música a distância: planejamento e elaboração de um website para o ensino de violão através de videoconferências*. Monografia. Porto Alegre: Elaborada pelo Sistema de Geração Automático de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), 2017.

JÚNIOR, Hélio da Silva. Violão online: encontrando caminhos para superar desafios. ANAIS DO IV SIMPOM 2016-SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA. Pág. 351 a 358. [s.n.]. UNIRIO/PROEMUS, 2016.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil. Capítulo 39, p. 287, 2009.

PAIVA, Fernando. Moises: app brasileiro usa IA para separar instrumentos em músicas. Mobile Time, 2021. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/16/07/2021/moises-app-brasileiro-usa-ia-para-separar-instrumentos-em-musicas/>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

PINTO, Henrique. Iniciação ao violão, Vol 1. S.d.

Sem autor: 8 profissões que se reinventaram em 2020. Terra empresas. [s.d]. Disponível em: < <https://www.terraempresas.com.br/blog/8-profissoes-que-se-reinventaram-em-2020>>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

Sem autor: Metodologia Suzuki. Associação Musical Suzuki. [s.d]. Disponível em: <https://www.associacaomusicalsuzuki.com.br/metodologia-suzuki/>. Acesso em 01/ de junho de 2022.

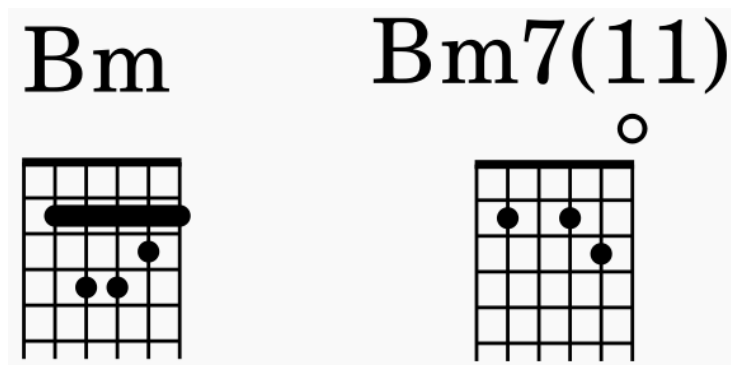
SILVA, Camilla dos Santos. Métodos de técnica instrumental criados para violão erudito aplicados em alunos de violão popular com auxílio da Teoria da Autorregulação: acompanhamento e análise de resultados. Anais do VI Simpósio Acadêmico de Violão da Embap. n.p, 2012.

SWANWICK, Keith. Musical knowledge. Intuition, analysis and music education. London: Routledge, 1994.

ZARAMELA, Luciana. Muitas videoconferências? Se liga nessas dicas para seu áudio ficar cristalino!. Canal Tech, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/fone-de-ouvido/muitas-videoconferencias-se-liga-nessas-dicas-para-seu-audio-ficar-cristalino/#:~:text=Outra%20coisa%20legal%20dos%20fones,resultado%20e%20a%20qualidade%20sonora>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

APÊNDICE A – Figuras sobre metodologias de violão popular (JÚNIOR 2016) e Contrabaixo Elétrico (DEAN, 1982).

Acorde “Bm” e “Bm7(11)”



Fonte: Figura do autor

Levadas

Seis exemplos de levadas (ritmos) com notação musical e sílabas. Cada exemplo começa com um símbolo de violão e um tempo. Exemplos: 1. 4/4 com sílabas Tum, que, chi, que; 2. 6/8 com sílabas Tum, Tum, pa, chi, que, chi, que, Tum, pa; 3. 6/8 com sílabas Tum, que, chi, que, chi, que, pa, que, chi, que, chi, que; 4. 4/4 com sílabas Tum, que, chi, que, chi, que, Tum, que, chi, que, chi, que, pa, que, chi, que; 5. 4/4 com sílabas Tum, que, chi, que, que, que, pa; 6. 4/4 com sílabas Tum, chi, que, que, pa.

Fonte: Figura do autor com base em JÚNIOR (2016)

Índice do Método Contrabaixo Elétrico Composite

ÍNDICE

1

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1. Sobre o Autor | 30. Colcheias |
| 2. O Baixo Elétrico | 32. Melodias com Colcheias |
| 3. Posições para Tocar | 32. Walkin' |
| 4. Afinando com o CD | 32. Sidewinder |
| 5. Auto Ajuste | 33. Heavy |
| 6. Técnicas da Mão Direita | 34. Introdução à 5ª. Posição |
| 7. Usando os Dedos | 35. Notas na 4ª. Corda |
| 8. Exercícios com Corda Solta | 36. Notas na 3ª. Corda |
| 8. Como ler a Tablatura com Cordas Soltas | 37. Notas na 3ª. e 4ª. Corda |
| 10. Símbolos Musicais | 38. Some Jazz |
| 11. Indicações de Compasso | 38. Baroque Song |
| 12. Exercícios com Corda Solta | 39. Notas na 2ª. Corda |
| 14. O Alfabeto Musical | 40. Notas na 1ª. Corda |
| 14. A Mão Esquerda | 41. Notas na 2ª. e 1ª. Corda |
| 16. Notas na 4ª. Corda | 42. Ligaduras |
| 18. Notas na 3ª. Corda | 43. Melodias com as Quatro Cordas |
| 20. Movin' | 43. Syncho |
| 21. Tracks | 44. Dance with me |
| 22. Notas na 2ª. Corda | 45. As Semínimas Pontilhadas |
| 24. Melodias com as Cordas 2, 3 e 4 | 46. Quadrangle |
| 25. Go Easy | 46. Why Not ? |
| 26. Notas na 1ª. Corda | 47. Oh, Yes ! |
| 28. Melodias com as Cordas 1, 2, 3 e 4 | |
| 28. Rock it | |
| 28. Country Man | |

Fonte: extraído do método de Dan Dean "Contrabaixo Elétrico Composite".

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com perguntas norteadoras

Perguntas norteadoras

1. Por qual motivo ou motivos o senhor atua no Ensino Online? Existem mais pontos positivos, ou mais pontos negativos? Por favor, justifique-os.
2. Desde quando senhor leciona online?
3. Quais são as lacunas que o ensino online tem, na sua visão? E quais recursos o senhor utiliza para supri-las?
4. Em quais níveis de ensino e perfis de aluno o senhor se concentra? Iniciante, intermediário ou avançado? Amadores ou profissionais? Estudantes universitários ou de conservatórios?

5. Quais metodologias o senhor utiliza para o ensino online do seu instrumento? Diferenças de abordagem para o iniciante, intermediário e avançado, se houver.
6. Quais equipamentos o senhor utiliza para as videoconferências e para as gravações? Tecnologias físicas e lógicas (exemplificar: computador, celular, tablet, programas, aplicativos, microfones, interfaces, câmeras, fone de ouvido, caixas de som, iluminação, etc...).
7. Você tem site/plataforma/fórum/grupo de WhatsApp para além das aulas síncronas (um grupo de fomento)? Se sim, para qual finalidade o senhor a utiliza? E como planeja os conteúdos dessa ou dessas plataformas?
8. Prefere lecionar presencialmente ou online? Por quê?
9. Qual sua perspectiva em relação ao futuro do ensino online?
10. Após o término da pandemia, o senhor pretende se manter ativo nesta modalidade de ensino?

ANEXO 1: Entrevista Semiestruturada 1

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR E COORDENADOR
JUNTAMENTE A ADMINISTRADORA DE UMA ESCOLA DE MÚSICA ON-LINE

DATA: 13/01/2022

CIDADE: BELO HORIZONTE

ENTREVISTADOR: HIAGO APARECIDO DOS REIS FERNANDES

[...] = Ruído no áudio da entrevista.

XXXX = Substituição de nome mencionado nas entrevistas, por razões éticas.

Entrevistado: Você sai um pouquinho atrasado de um lugar para o outro, você calcula trinta minutos, aí choveu trinta vira cinquenta, aí atrasa um aluno, atrasa o outro, vira uma bola de neve.

Entrevistada: Você tem além de uma qualidade de vida, de estar na sua casa, de se um aluno desmarca você pode fazer uma outra coisa, não é uma demanda complexa para você. Entendeu? Às vezes, um aluno precisa mudar de horário, você tem muito mais flexibilidade, porque aquele horário que você está ali se deslocando você não está, e só ligar um computador.

Entrevistada: O carro também, a manutenção do carro, essas coisas todas que você acaba, por exemplo, a gente não precisou, a gente passou quase a pandemia inteira sem fazer manutenção no carro. Aí no final do ano passado a gente ia viajar e tal, a gente fez uma manutenção do carro.

Entrevistado: Então, negativo de dar aula on-line é assim, alguns alunos tem uma dificuldade um pouco maior, porque alguns alunos precisam de uma atenção de tipo: às vezes pegar no dedo do aluno e colocar no lugar certo, isso você não consegue fazer. Tocar junto com o aluno no mesmo tempo ainda não dá. Dizem que vai ter, tem um aplicativo que promete isso, eu já testei e para mim não deu certo, que é o JamKazam, já ouviu falar nesse aplicativo?

Entrevistado: Anota aí JAM e Kazam é KAZAM, eu acho que é isso, se você jogar no Google e se tiver errado o Google vai te corrigir.

Entrevistado: Cara eu não sei, a promessa desse aplicativo é ensaio de bandas, e shows on-line de bandas, sendo que cada um está no seu lugar, você pode ter uma banda com um baixista, baterista da Coreia, um guitarrista da África do Sul, você pode ter uma banda, ensaiar por aí, e podem fazer show por aí, essa é a promessa do aplicativo, eu já testei, eu não consegui fazer com que funcionasse direito.

Entrevistada: Isso. Aí o que a gente fez em 2020, a gente fez dois vídeos de janelinha, um no meio do ano com a música no estilo festa junina, foi uma música do Alceu Valença, e no final do ano a gente fez uma música de Natal, aí os alunos também botaram gorrinho de Papai Noel, enfeitaram.

Entrevistado: Os sarau, aí a gente chamou de sarau para dar um nome mais leve, já que tinha esse negócio de ao vivo e tal. “Gente não é uma apresentação, é um sarau, imagina que você está na sala da sua casa cada um num sofá, e aí você vai fazer um som com os seus amigos”. Para tirar um pouco essa pressão de ter que acertar, a gente faz o sarau.

Entrevistado: É isso, acabam sendo inspirados pelo trabalho por me ver ali tantos anos dando aula, por fazer shows, conhecendo as coisas, alguns acabam, pô legal, de repente eu posso ser músico também.

Entrevistada: Quando eles querem fazer para faculdade o Entrevistado 1 faz uma preparação toda especial que não é...

Entrevistado: Aí muda o tipo da aula.

Entrevistado: Então, a gente pensa, eu estudei em escolas construtivistas quando era criança.

Entrevistada: Desde de pequenininho.

Entrevistado: Eu estudei na escola de Pedagogia Freinet, Piaget, são essas duas, mas eu conheço as outras metodologias também, e tinha colegas que estava em outras escolas, Montessorianas e tal...

Entrevistado: E eu trago muito isso para a escola. A aula de música tem que ser prazerosa. Para mim o primeiro ponto é isso, tem que ter prazer, depois vem o resto. Se o aluno vai ser feliz tocando música de um acorde, vamos lá, vamos tocar música de um acorde, entendeu? E depois se ele quiser ver outras coisas eu vou apresentando e vamos ver o que ele se interessa, o que ele não se interessa, mas eu vou lidando muito com o prazer do aluno e trazendo coisas novas que ele não conhece, mas que tenham a ver, sabe?! Tipo inteligência artificial do Spotify, eu estou tentando fazer um pouco disso, gostou do artista tal, que tal ouvir isso aqui, então eu vou falando...

Entrevistada: É mais real assim, tem um professor nosso que ele faz muito com os alunos dele, fazer uma playlist no Spotify, sempre fazia junto com os alunos, e aí eu não sei se você via aquele Zoom do Spotify.

Entrevistada: O Zoom do Spotify é você convida uma outra pessoa...

Entrevistado: Então, assim, esse lance da metodologia a gente acaba trazendo um trequinho de resposta da pergunta um ainda, que é tanta vantagem dar aula on-line que para fazer isso que ela fala, a gente está no on-line, eu passar para o aluno uma música no Spotify, ou passar uma música no Youtube, passar um link para o aluno, enviar um PDF, enviar alguma coisa é muito mais fácil e rápido.

Entrevistado: É mais estímulo, então isso é muito legal cara. Então eu sigo um pouco a metodologia um pouco dessa mistura dessas metodologias construtivistas que eu falei para você. E eu sempre foco na prática, tem que

focar, tem que fazer, eu falo muito pouco de teoria, falo mais quando o aluno pergunta eu vou puxando algumas coisas e às vezes o aluno arregala o olho.

Entrevistado: Aí eu falo: “opa! Esse aluno aqui eu posso trazer mais coisas!” Eu espero o aluno me pedir, quando ele não pede nada eu vou na prática.

Entrevistado: Então é muito assim voltado para isso, eu estudei um pouco da metodologia da Escola da Ponte lá de Portugal, construo conhecimento junto com o aluno. Então no on-line eu continuo da mesma forma, só que com muito mais recursos agora.

Entrevistada: É [...] também que fala de apreciação.

Entrevistado: [...] então às vezes a gente foca muito na técnica. Aula de música eu não penso muito nisso. Para mim aula de música é a gente sentar e ouvir música junto, às vezes eu boto uma música no Spotify e mando para o aluno, vamos ouvir o baixo, agora vamos ouvir a bateria.

Entrevistado: É, a gente não usa muito apreciação cara, mas é importantíssimo, importantíssimo. Às vezes antes de ensinar a música para aluno eu peço para ele me dizer quantas partes tem a música, aí eles ficam: “partes como assim?...”

Entrevistado: E vamos ver, aí depois que ele fala três, aí às vezes tem duas. Aí eu falo: “pô tem duas só, aonde é?” Aí a gente vai identificar o porquê que mudou de uma parte para outra, porque mudou a batida da bateria, mas é os acordes será que mudaram. Não mudaram, eu vou muito assim na descoberta, tentando descobrir com aluno.

Entrevistado: Considerar o conhecimento musical do aluno faz muita diferença porque quando você vai aprender a tocar a música, a cantar que você já ouviu vai muito mais rápido. Ver uma música que você gosta também vai muito mais rápido.

Entrevistada: Você deseja, né?! Em geral você vai para aula de instrumento, porque você deseja tocar determinada música. Então se você tira do aluno esse desejo, coloca isso em prática o aluno vai te amar para sempre.

Entrevistado: Já tive experiência cara, de ensinar música para o aluno de dois acordes, que o aluno não consegue, não conseguir tocar uma música que ele não conhece, e uma música que o aluno conhece, tipo dez acordes, é muito mais fácil, é impressionante.

Entrevistado: Beleza. Equipamento, equipamento varia. Eu comecei com celular, para dar aula no celular, a tela ficou pequena para mim um pouco, mas funciona, dá super certo. Mas hoje eu uso computador, que tem a tela maior, eu uso uma webcam que eu comprei, [...] porque às vezes [...] às vezes na transmissão da internet dá uma estragada, uma pixelada na imagem. Então você colocar o dedo, às vezes o aluno, está na primeira ou na segunda corda, aí às vezes eu aproximo assim da tela, mas é importante ter uma webcam boa, então eu comprei uma webcam legal de Full HD, uso...

Entrevistada: Mas dá para dar aula com webcam do notebook, por exemplo.

Entrevistado: É, às vezes quando a gente viaja, como é aula on-line a gente tem liberdade geográfica, então a gente vai passar uma semana na casa de praia dos pais dela.

Entrevistado: Leva o Laptop, geralmente eu levo a minha webcam, mas já aconteceu de eu esquecer de levar a webcam, dei aula com a webcam do celular mesmo, então sem problemas, do celular não, foi do notebook.

Entrevistada: Do notebook.

Entrevistada: Agora tem alunos nossos que usam celular, mesmo Entrevistado 1 usando o computador. E tem alunos também que usam tablet, mesmo o Entrevistado 1 usando computador a gente tem alunos que usam o tablet. E temos alunos que usam notebook, temos alunos que usam computador, dependendo do instrumento, por exemplo, quando é piano, em geral tanto o aluno quanto o professor se utilizam do computador com a Webcam e do celular.

Entrevistado: Mas é isso. Aplicativos, cara, tem um aplicativo que eu uso que é o Moises, Moises.

Entrevistador: Moises, vou anotar aqui.

Entrevistado: Ele é um aplicativo que você consegue tirar, você consegue dividir a música em canais, aí vira quatro canais.

Entrevistador: Ah, eu acho que eu já vi.

Entrevistado: Um canal de baixo, um canal de voz e um canal de harmonia. Então você consegue, se eu estou dando aula de baixo, por exemplo, eu consigo mutar o baixo e pedir para o aluno da play e tocar, ele tocar o baixo, ou eu consigo mutar os outros e a gente ficar ouvindo só o baixo para ver como que é e tal. Então esse aplicativo é bem legal. Microfone, eu uso o microfone da webcam mesmo, funciona legal, mas eu tenho uma interface de áudio aqui, uma focusrite que eu uso para eu gravar aqui as minhas coisas, mas eventualmente se precisar usar com algum aluno eu posso ligar o microfone na focusrite e também usar o microfone ambiente aqui.

Entrevistador: Legal. São quantos canais dela?

Entrevistado: São dois.

Entrevistado: Aquela scarlet de duas entradas aqui.

Entrevistado: Ah, eu uso o Finale.

Entrevistador: Ah, o Finale.

Entrevistado: Agora eu estou começando a usar o MuseScore, começando aprender a mexer com ele, todo mundo hoje em dia está usando o MuseScore, mas eu uso Finale com os alunos.

Entrevistada: Ou aquele aluno da França usa o GarageBand, é isso?

Entrevistado: GarageBand, a gente usa.

Entrevistado: GarageBand, é um aplicativo do iPhone que é para você compor. Você pode compor músicas sem saber tocar até, se você escrever os acordes dizer que quer um dedilhado no violão ele faz um dedilhado no violão para você em cima do dó, em cima do ré, aí você vai montando. E tem uns canais tipo um aplicativo, um aplicativo de gravação reaper, um [...] da vida com vários canalzinhos, você vai arrastando os instrumentos ali para dentro e vai compondo. Esse meu aluno da França, ele é muito criativo, toda semana ele tem uma música nova, impressionando.

Entrevistada: [...] Luz a gente usa aqui, oh, que é um, não vou conseguir tirar aqui agora, mas é uma luminária de leitura, é a mesma que a gente usa para fazer as lives.

Entrevistado: Então é isso cara, de equipamento é isso. Fone de ouvido eu só uso quando a caixa de som der algum problema, raramente dá, mas fone de ouvido comum mesmo, aquele fone de ouvido de celular de boa. Site/plataforma a gente tem a nossa própria plataforma que é um sistema de uns caras muito inteligentes de São Paulo que os caras tiveram essa sacada.

Entrevistado: Essa é a nossa plataforma. Tem um cara de uma empresa de São Paulo que ele teve essa sacada, pô na pandemia as escolas de música vão ter que ir para o on-line, então ele fez um modelo de site que de acordo com a sua escola ele troca as cores, bota só o logo aqui como a nossa logo, está vendo.

Entrevistado: Se alguém quiser é só dar um clica no WhatsApp aqui. E aqui tem material de apoio, por exemplo, tem metrônomo, tem play along, tem referências musicais, são histórias de músicos com referência em cada instrumento...

Entrevistado: Eu contratei lá cara, o cara fez o site para mim. A gente paga uma mensalidade, e aqui eu vou dando os logins, vou criando logins para os professores e para os alunos, aquela tela inicial que pediu o meu e-mail e a minha senha vai para os alunos, vai aparecer, eles vão botar e-mail e senha deles e eles vão poder entrar. Claro que eu enquanto coordenador da escola tenho acesso a mais coisas aqui. Os alunos tem acesso mais restrito, eles não podem criar algo, tem algumas coisas quem só que é administrador. Esse aqui é o nosso metrônomo.

Entrevistado: Solo, por exemplo, o cara que estiver treinando solo, aqui tem standard de música brasileira, tem standard de jazz, aqui tem somente voz. Então você pode botar o cantor para cantar, tem aluno que fica com vergonha de cantar, bota aqui no cantor, e aí ele, ele faz um dedilhado por trás [...].

Entrevistado: Então tem tudo isso, e tem as aulas gravadas que são os cursos, curso de leitura melódica, percepção musical. Então aí, para quem quer aprender partitura, aí o cara vem aqui e clica nas aulas e aí vai vir aqui um vídeo ensinando as notas, sol, enfim.

Entrevistada: E dá para fazer umas provinhas e tal.

Entrevistado: É no final tem a prova, o laboratório final é uma prova.

Entrevistado: No final, aqui embaixo.

Entrevistada: Bota lá aonde marca as aulas, quadro de horários.

Entrevistado: Ah, tá. Aqui é o tal do Zoom que a gente falou.

Entrevistada: Abre um aí para ele ouvir.

Entrevistado: Eu posso clicar aqui num horário desse, criar uma aula para o aluno, coloca o nome do aluno e tal.

Entrevistado: E aí na hora que está criado eu dou dois cliques aqui em cima aí eu entro na aula.

Entrevistado: Posso apresentar um PDF, posso compartilhar um link do Youtube. Eu coloco um link do Youtube aqui, aparece uma outra janelinha aqui em cima da gente que o vídeo vai passando, entendeu? Então tem todos esses recursos aí, mais alguns que a gente não usa, esquece [Risos], mas hoje a gente já mostrou para você.

Entrevistado: E os caras vai pagando uma mensalidade, e é o mesmo site de todo o mundo, só que vai mudando as cores e as logos.

Entrevistada: Você tem um pacote mais básico que é para trinta alunos, se eu não me engano, e tem um outro pacote que é ilimitado...

Entrevistado: Quantos logins você quiser.

Entrevistada: Aí você paga uma mensalidade, nós mesmo que gerenciamos, ele dá para a gente apenas o login do administrador.

Entrevistada: Com o login do administrador, a gente vai criando os outros logins, aí a gente precisa só do e-mail do aluno, aí o aluno recebe um e-mail em casa, quando ele entra para fazer o primeiro acesso aí já vai criar a senha.

Entrevistada: São.

Entrevistada: Uma pergunta sobre o WhatsApp, a gente tem um WhatsApp sobre o grupo de alunos.

Entrevistada: A gente tem um WhatsApp com todos os nossos alunos da escola, mas a gente assim, às vezes a gente usa para compartilhar alguma coisa interessante que a gente viu, uma música, às vezes eles também compartilham.

Entrevistado: Um vídeo legal de alguém tocando.

Entrevistada: Um vídeo e tal. Na pandemia, no início da pandemia a gente está propondo alguns desafios lá, mas depois a gente acabou não fazendo muito mais, mas a gente ali passa os avisos da escola.

Entrevistado: A proposta do grupo era mais de informação.

Entrevistada: É mais de informação, é.

Entrevistado: E aí eu comecei a criar uns desafios, mas aí eu não levei muito à frente, os alunos adoravam os desafios, só que eu fiquei meio desorganizado. Confesso que seria muito legal voltar. Eu fazia uns desafios assim, tipo, mandava cinco imagens de partitura e perguntava: “galera vocês acham que partitura é um bicho de sete cabeças?” Aí mandava um sprint de trequinho de cinco partituras e mandava um áudio de uma música. Aí mandava sei lá, Garota de Ipanema, e perguntava: “qual dessas partituras é a música?” [...] aí às vezes eles identificavam, porque tem um monte de nota na partitura e o áudio tem um monte de nota também aí é isso. Aí já começa a perder um pouco o preconceito com a partitura.

Entrevistada: No WhatsApp sem o grupo, o WhatsApp entre o professor e aluno Entrevistado 1 costuma dizer que é o caderno.

Entrevistado: O WhatsApp pessoal, né.

Entrevistada: É. Então no WhatsApp o Entrevistado 1 manda o que eles treinaram no dia...

Entrevistada: Se tem dever de casa.

Entrevistador: As anotações, né?

Entrevistada: As anotações, o que a gente vai fazer na próxima aula, muitas vezes eles mandam mensagem para o Entrevistado 1. O Entrevistado 1 pergunta: “como que é aquela batida?”

Entrevistador: Que legal.

Entrevistada: Aí o Entrevistado 1 faz um videozinho, ou quando às vezes ele está no carro, ele fala chum, chum, tan, tan, dó, dó, ré, ré. Ou às vezes ele faz um videozinho dele tocando e manda. Então o WhatsApp entre o aluno e o professor...

Entrevistado: Funciona muito.

Entrevistada: Funciona muito assim no privado. No grupo é que a gente acaba sendo mais de informação.

Entrevistador: Legal, legal, ótimo. Isso é uma coisa engraçada, porque assim, o WhatsApp muitas pessoas veem como, ah, o negócio meio informal de mais e tudo mais, mas por exemplo, é um meio muito bom de... exatamente, exatamente, você ali no computador já manda ali na aula também.

Entrevistada: Que é a mesma maneira que a gente também entra em contato com os pais. Os pais mandam comprovante de pagamento pelo WhatsApp, a gente marca e desmarca das aulas quando precisa tudo pelo WhatsApp, a gente...

Entrevistado: Combina show de fim de ano, combina prática de conjunto, sarau, tudo via WhatsApp. Agora eu não tenho nenhum problema com relação a essa questão de ser formal, ser informal. A gente aqui no Rio de Janeiro é muito informal. A gente vai no shopping de chinelo. Tem lugares no Brasil que seria um absurdo, mas a gente tem muito essa questão. Então eu nunca tive esse problema não.

Entrevistada: Na pandemia a gente quase não usou alguma outra coisa que não fosse chinelo, para ir no mercado, para o shopping, para ir no médico.

Entrevistado: Então assim, cara, eu comecei dando aula particular nas casas das pessoas. Aí as pessoas falam: “não é muito informal não?” Cara, eu não acho, não tem problema nenhum, eu fiquei indo nas casas das pessoas até começar a pandemia.

Entrevistada: E dezoito anos.

Entrevistador: Dezoito anos.

Entrevistado: Então assim, tem muitas vantagens. Você não tem que alugar um espaço, você tem que ter uma pessoa para atender o telefone, você tem um monte de coisas. E no Rio as pessoas não se sentem invadidas, vamos dizer assim, de você ir na casa dela. Muito pelo contrário. até gostam. Tem lanchinho...

Entrevistador: Tá. Então essa questão número oito aí, essa pergunta número oito – “Prefere lecionar presencialmente ou on-line?” Eu acho que ela já está bem esclarecida aqui tá gente, legal, legal. Então agora número nove então - Qual é a sua perspectiva em relação ao futuro do ensino on-line?

Entrevistado: Cara eu acho que vai crescer muito, já cresceu bastante, vai crescer ainda mais quando tiver essa questão que a gente falou de poder tocar ao vivo ao mesmo tempo. Se isso vier com 5G vai putz, mudar demais. E eu acho que vai crescer muito ainda. Ainda tem muito a crescer. Eu acredito que em 2022 as pessoas estejam com sede por atividades presenciais, por terem ficado muito tempo isoladas. E agora está dando meio que uma abertura, mas tem a variante Ômicron, está meio assim: vai ou não vai. Mas no momento em que tiver assim, cara, alguém bater a mão na mesa e falar: vamos para a rua.

Está tranquilo. Vai dar uma caída, eu acho, nas aulas on-line. Porque muita gente vai querer o presencial. Aí vai depender do poder de persuasão dos professores.

Entrevistado: Eu já estou com as minhas ideias aqui na cabeça para usar argumentos, para usar quando isso acontecer.

Entrevistada: Eu acho que para os alunos adultos o on-line vai pegar mais tranquilo nos próximos tempos. Porque para os adultos eu acho que foi vantagem. O cara chega em casa faz a aula e já está em casa.

Entrevistada: Ou tem um intervalo no trabalho faz a aula, sabe?! Eu acho que para os adultos o on-line já vai ficar mais, não para os idosos, tá! Para os adultos...

Entrevistado: Mas os adultos, a faixa de quarenta, cinquenta anos, os adultos, a gente cresceu a escola nos adultos. Na pandemia, a gente teve muitos alunos novos adultos, e uma das coisas que eu tinha: poucos alunos adultos que eu acho, tenho quase certeza [...]. O adulto ele se sente um pouco invadido quando você vai na casa dele. E ele se sente um pouco exposto quando você vai lá. Você é mais novo que ele, você está ensinando uma coisa para ele, e ele não consegue fazer de primeira. E ali na casa dele e tal o filho olhando, a mulher, a cobrança dele com ele mesmo [...] mas no on-line o cara se fecha no escritório dele, você não vai na casa dele.

Entrevistado: Ninguém está sabendo que ele está tendo aula. Então os alunos adultos a gente tem observado isso, eles ficam mais tempo com a gente fazendo aula on-line.

Entrevistado: Psicológico.

Entrevistador: Claro. Após o término da pandemia, o senhor pretende se manter ativo nesta modalidade de ensino?

Entrevistado: Ah, sim, com certeza, 100% no on-line, é como a gente falou antes, os alunos que quiserem aula presencial vão para os outros professores da escola, aqueles que quiserem continuar tendo aula comigo vai ter que continuar no on-line. Não tem como abrir mão mais desse tempo de deslocamento, e nem dos custos de deslocamento.

Entrevistado: Professor que quer dar aula on-line ou que já dá aula on-line e quer ter mais alunos precisa ter um perfil no Instagram. Precisa ter um canal no Youtube, não precisa postar todo o dia. A gente fala que, no nosso curso, a galera entra para saber como que é viver de aula de música, e muitas pessoas perguntam: “ah, o que eu preciso fazer na minha rede social?” Cara, a primeira coisa que você tem que fazer na sua rede social é não ser escravo dela. Você tem que ter rede social, tem que ter! Ali é uma vitrine do seu trabalho, As pessoas vão te buscar, alguém fala assim: “ah, o fulano dá aula on-line.” Legal cara. Como é o nome dele? fulano de tal. Aí o cara, a primeira coisa que vai fazer e te procurar no Instagram, te procurar no Youtube. Tem que ter coisas suas lá, e precisa ter cinquenta mil vídeos? Não, não precisa. Precisa ter posts lá

interessantes, vídeos legais que você gostou de fazer, que refletem a sua personalidade, o seu jeito de ser como professor que é diferente do nosso jeito de ser como artista. Tem muitas coisas que no perfil de um artista cabe: um show sem camisa, tomando cerveja, fumando cigarro. Cabe num perfil de artista. Num perfil de professor não cabe, então...

Entrevistada: Principalmente se você quer ser professor de crianças e adolescentes.

Entrevistado: Se você quiser ser professor de crianças e adolescentes, e se você é homem quer ser professor de mulheres, de alunas meninas também. Porque os pais estão ligados nessa parada. Então eu tenho uma preocupação muito grande. E eu depois que eu casei, passei a levar uma aliança no dedo. Eu tive muito mais alunas meninas do que quando eu era solteiro, que os pais conhecessem, confiassem e tal. Por mais que eu dê aula na sala e não no quarto.

Entrevistada: Deu um tom muito mais familiar à escola quando a gente casou.

Entrevistado: Mesmo com tudo isso a aliança faz uma diferença na vida. Eu posso não ter mudado, eu posso ser a mesma pessoa que eu era antigamente, mas os símbolos significam coisas para a sociedade.

Entrevistada: E outra coisa é a estabilidade. Eu estou com ele em postagens, então isso se demonstra para as famílias que nós somos uma família, e aí isso faz diferença. Agora, muito importante sobre a questão dos vídeos que você vai postar é que assim, se você não está focando em dar aula para um cara que já toca e quer botar o cara num nível top, você tem que postar músicas que sejam fáceis de serem tocadas. É muito legal postar músicas que estão na moda, é muito legal você surfar uma determinada onda, por exemplo, a Anitta lançou lá o Garota de Ipanema, então postar essa música é muito legal: hoje vou postar o Garota de Ipanema. falando assim: “vocês sabiam que a música que a Anitta tem uma relação com essa música aqui que é uma Bossa Nova lançada em mil novecentos e?...”

Entrevistado: Aí você pega o gancho de uma coisa que está no hype, né?! Todo mundo está buscando para trazer uma outra coisa...

Entrevistada: E traz o ensinamento, e traz, por exemplo, tocar uma música e falar: “galera hoje eu vou ensinar vocês a tocarem essa música aqui, o acorde faz assim e assim.” Aí toca...

Entrevistado: O teu perfil, os teus posts, tem que ter a ver com o público que você está buscando.

Entrevistado: Tem muita gente: “pô eu quero dar aula para criança. Eu quero dar aula para iniciante.” aí posta tocando um solo do Steve Vai. Cara, criança não vai conectar com aquilo porque ele vai falar: “cara, isso não vou aprender nunca. Se eu não sei tocar nem dó e sol, não vou conseguir tocar isso.” Então tem que estar condizente com o público que você quer atingir. E condizente com a possibilidade, o artista é aquele cara que ilude, que faz uma coisa que

você imagina: “uau aquele cara é mágico, ele faz uma coisa que ninguém faz.” o professor não, o professor é o contrário. Ele mostra que aquilo que ele faz todo mundo consegue fazer, e de maneira muito fácil. Então essa antítese a gente tem que tomar cuidado, porque às vezes a gente pensa muito como artista e quer ter alunos, e aí acaba o tiro saindo pela culatra.

Entrevistada: Aí ela procurou em duas, três padarias, e a cidade não tinha bolo. Aí ela falou: “gente, como que a gente vai fazer?” aí eles procuraram no iFood, e conseguiram comprar o bolo. Marcaram a entrega. O bolo chegou fizeram o aniversário do tio dela. Aí ela pergunta assim: “o que isso tem a haver com a sua empresa?” - que ela fala para mulheres empreendedoras – [...] aí ela falou assim: “tem a ver o seguinte... se você não está na internet você não existe, porque a primeira coisa que alguém vai fazer, a internet hoje ela é a vitrine, ela é o cartão de visitas de todo o mundo. Não funciona mais entregar panfleto na rua. Não existe mais isso. Então assim, ah, eu tenho uma pessoa para indicar que dá aula. A pessoa vai mandar o teu Instagram, sabe?”! Você vai querer mandar o seu Instagram: “olha, eu sou professor, dou aula nesses e nesses termos, está aqui o meu trabalho.” Tu vai mandar o seu Instagram.

Entrevistada: [...] postar você dando aula, postar foto você com os alunos.

Entrevistado: E aí, quando uma pessoa te procura para ter aula, você mostra o teu trabalho nessas vitrines voltado para aquele cara que está te procurando. Por exemplo, uma mãe entra em contato comigo: “eu tenho uma filha que quer ter aula de Ukulele...”

Entrevistada: Aí você vai mandar um vídeo de uma aluna sua tocando Ukulele.

Entrevistado: Mais ou menos da idade da filha dela. Eu não vou mandar uma foto de uma cara velho, barbudo tocando.

Entrevistada: Agora por exemplo, se você tem uma pessoa mais velha, falando: “aí Entrevistado 1 eu estou com dúvidas se eu consigo tocar!” A gente vai mandar um vídeo da dona XXXX, que tem oitenta e bral anos que toca.

Entrevistada: [...] então você tem que ter essas cartas na manga. Você tem que ficar o tempo todo criando provas ao seu favor, entendeu?! E postando isso, e postando coisas que a pessoa que vai te contratar vai falar: “caramba, vale a pena contratar o fulano por causa disso, por causa daquilo outro”. Então assim, a rede social tem que ser a sua vitrine. Eu vi esses dias uma pessoa também falando de rede social. Essa grande dúvida, a pergunta de um milhão de dólares que a gente fala aqui. Que é ter uma rede pessoal ou ter uma rede profissional, né? Tem que ser uma Instagram comercial, tem que ser um Instagram profissional. Você tem que usar ele de forma profissional. Ele não é a rede social para você compartilhar. Você pode compartilhar coisas com os seus amigos sim, pode, mas não é o seu objetivo principal. 90% não tem que ser isso. Os 90% tem que ser usando para trabalho. Mas os 10% também tem que humanizar, que é o fulano.

Entrevistada: O professor de música ele tem que entender que ele tem que ser profissional. Não é ser formal, nós não somos formais, nós somos super informais. Não é ser engessado, é ser profissional.

Entrevistada: Entendeu?! Tem que ser profissional. Então assim, você tem que ser profissional. Não adianta você ter um panfleto lindo para distribuir na rua, e o seu WhatsApp ter uma foto de cachorrinho, o seu Instagram tem a foto de você a cinco quilômetros de distância com arroba cachorrinho feliz. Não adianta, entendeu?! Então assim, tem que ser profissional. Tem que ser profissional. Tem o link do site, ou você vai botar ali o seu link para entrar em contato direto com o seu WhatsApp, ou você vai colocar ali o link do seu canal do Youtube. Não precisa ser megalomaníaco, a gravação do Youtube pode ser aqui, gravei uma música e tal, posta no Youtube. Mas assim, vamos ser profissional, porque o professor de música é uma carreira mais rentável dentro do mercado da música, estável, rentável, é possível, não é complexo. Você não depende de toda uma estrutura funcionar para você ir lá no palco brilhar. Você pode brilhar na casa dos seus alunos e viver a sua vida assim para sempre. O Entrevistado 1 tem vinte anos como professor de música, mas para isso acontecer você tem que ter o mínimo de organização O mínimo de profissionalismo com as suas rede sociais, com a sua maneira também se de portar. Então assim, você tem que ir para casa do aluno de terno e gravata, camisa polo, camisa social? Não. Mas você não pode ir para a casa do aluno com dizer na camisa que não tem nada a ver. Você não pode ir para casa de um aluno com dizeres políticos correndo risco de chegar lá e o cara ter outra opinião.

ANEXO 2: Entrevista Semiestruturada 2

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR DE CONTRABAIXO E VIOLÃO ON-LINE.

DATA: 07/12/2021

CIDADE: BELO HORIZONTE

ENTREVISTADOR: HIAGO APARECIDO DOS REIS FERNANDES

[...] = Ruído no áudio da entrevista.

Entrevistado: Eu acho que a coisa do ensino on-line funciona tão bem quanto o ensino presencial, no caso de aula particular de música. Tem outras coisas que eu não sei, eu não posso dizer. Não sou professor de química, por exemplo, mas a única desvantagem que eu acho é não poder demonstrar em tempo real e ouvir em tempo real. Mostrar, assim, às vezes eu falo, um dedo menor, decorar quais são os dedos. Assim, eu sempre soube, mas comecei a pensar nisso de forma mais rápida para falar: “não, dedo lá na quinta casa na corda sol.”

Entrevistado: Se eu estivesse na frente dele eu pegava o dedo dele e botava lá, agora, dessa forma [...], mas também é uma desvantagem que não é tão grave. Assim, uma coisa que você fala: “dedo anelar. Dedo mindinho. Esse dedo aqui não sei onde.” Então, assim, demora dez segundos a mais. Todo mundo está no conforto de casa, pode fazer um café, fumar um cigarro, o som tem que ser bom. Às vezes é uma desvantagem também, quando o aluno não tem um setup de áudio próprio, assim, com qualidades específicas para poder realizar algo. Eu tinha um aluno que sempre dava problemas porque ficava uma configuração do zoom minha com ele que era meio chato. Assim, começava a pintar um ruído no meio do negócio e era meio chato. Mas tirando, assim, um probleminha ou outro eu acho super válido no caso de aula de música. Assim, eu devia ter um quadro aqui atrás, se eu quisesse escrever coisas, se eu quisesse, não tem necessidade disso. Mas também a minha aula é muito pluralizada. Sim, e eu optei por isso, principalmente na pandemia, que eu dava aula lá antes também, mas era muito mais esparso. Assim, na pandemia eu comecei a criar uma das únicas coisas que dava para fazer, né?! E foi por causa disso.

Entrevistado: Vantagem são várias. Você está em casa. Você consegue montar um organograma totalmente a favor da disponibilidade sua e do aluno. Você não precisa sair de casa uma hora antes ou então ficar esperando o aluno que atrasa, [...] que pode avacalhar seu cronograma também, sua agenda. O recebimento é on-line também, Pix hoje em dia e tal, é bem tranquilo. Eu acho, eu gosto.

Entrevistado: Você pode compartilhar tela. Você pode, o som é legal, tipo, tudo certo, assim.

Entrevistado: [...] se o aluno estivesse aqui, eu ia abrir a tela aqui pelo zoom e a gente compartilha a tela, grava a aula. Uma outra coisa que talvez seja mais

interessante quando você vai fazer uma aula presencial, não necessariamente você põe o celular para ficar filmando, ficar gravando.

Entrevistado: Tem como você gravar a aula, ficar revisitando ela várias vezes depois, vira mais um curso on-line especial para você, assim.

Entrevistador: [...] Eu ia te perguntar mais uma outra coisa em cima disso aqui porque surgiu aqui na mente, mas eu vou deixar um pouco mais para o final porque talvez você vai respondendo isso aos poucos também. Você falou que sempre deu aula on-line, desde quando você dá aula on-line, assim?

Entrevistado: Eu sempre dei aula porque a aula é um subterfúgio para o músico brasileiro. Quer dizer, para o músico brasileiro não, para todos os músicos que é uma coisa economicamente muito boa. Assim, para quem está dando a aula. Sempre dei aula, desde bem mais novo. Assim, mas você vem ensaiando mais, tem que os alunos somem também, você para de divulgar e tal, então eu sempre dei aula, mas nunca dei tanta aula quanto dei agora na pandemia.

Entrevistado: A partir de 2016, digamos assim, comecei a trabalhar com canto, aí pintou uns alunos de fora.

Entrevistado: Mas muito raro, assim, era... quando eu morava em Belo Horizonte, por exemplo, muitos eram presenciais.

Entrevistador: Legal. E quais plataformas você usava no início, que hoje em dia você usa só o zoom, né?

Entrevistado: Sim, já usei WhatsApp, já usei Facebook, já usei Skype, era isso, antes do zoom.

Entrevistador: Bom demais, bom demais. Bom, aqui tivemos algumas perguntas que você já respondeu, assim, nessas suas primeiras falas, a pergunta número três, por exemplo, ela é: "quais são as lacunas que o ensino on-line tem em sua visão e quais recursos o senhor utiliza para supri-las?" Eu acho que aqui seria interessante destacar quais os recursos você utiliza. Assim, para suprir talvez essas lacunas. Por exemplo, aquele ponto que você falou do dedo: "dedo anelar e tal, aquela coisa toda." Será que tem outros pontos negativos que você vê? Assim, no sentido de ter uma lacuna que o ensino on-line ele realmente tem uma lacuna nisso aqui, você acha que tem uma.

Entrevistado: Tem. Por exemplo, estou dando aula para um aluno, o aluno você bate assim, tocando assim. Aí, muitas vezes eu falo, sobe aí, ou muda a câmera para eu ver sua mão. Porque não dá para ouvir. A outra Lacuna que está, inclusive... por exemplo, eu fui dar uma outra aula esses dias e o cara, normalmente o cara faz pelo iPad, ou faz pelo celular, ou faz pelo laptop sem estar ligado em uma... por exemplo. Se é violão e o cara está com [...] aqui atrás na hora que ele está falando eu escuto tudo que ele fala. Na hora que ele vai tocar rola um negócio, um gate que eu não escuto direito. Aí tem que falar: "baixa aquele negócio lá do zoom, não sei o que." Então, sei lá, é uma lacuna chata, assim. E a outra é essa que às vezes o cara está com o instrumento escondido.

Aminha webcam ela está longe, então ela tem uma abertura. Tem gente que bota a webcam, sei lá, aqui e fica tocando aqui embaixo, então...

Entrevistado: [...] seria muito estranho fazer aula com professor e ele não está a fim de fazer aula também. Então, o cara quer fazer porque está todo mundo fazendo. Um amigo meu fez, as ideias não batem. O cara quer outra coisa. Mas assim, difícil de isso rolar também, porque aí tem que ser uma situação muito peculiar. Tem que ter uma sintonia do aluno e professor para o papo fluir também, não adianta nada eu falar de Chico Buarque e o cara falar de sertanejo...

Entrevistado: Com o advento da pandemia eu me concentro em todos. Nós, você também dá aula, tem um curso e tal. Nós não podemos em nenhum momento nos dar ao luxo de recusar. Assim, eu sempre dou aula para qualquer um que quiser. Aí, é isso, às vezes o aluno ele está numa coisa muito beabá, eu vou passar isso para ele e dependendo da sintonia ele vai continuar ou não. Às vezes também ele não está gostando do jeito que eu dou aula, que o jeito que eu dou aula é um jeito muito meu, eu não tenho aquele coisa: “deixa eu dar a minha aula”. Eu não tenho uma aula, eu vou dando a aula de acordo com o bate papo com o aluno. Assim, o que ele quer, com que ele trabalha, o que ele gosta de ouvir, qual o estilo dele, qual que é o baixo que ele tem, qual é a guitarra que ele tem, que som que ele gosta de fazer. Então vou ensinando coisas que eu sei que na grande maioria das vezes a pessoa não sabe exatamente do que eu estou falando e pode ser qualquer nível, assim, qualquer nível mesmo.

Entrevistado: Então, eu não tenho uma metodologia que eu possa, assim... se eu pegar para escrever e explicar tudo que eu faço eu vou montar um esquema, uma tabs. Assim, mas eu nunca parei para pensar. Eu já fiz uma vez uma sinopse de uma master class, que é uma coisa que eu tenho tentado vender por aí e eu consegui organizar um pouco da forma como eu ensino. Mas de novo, varia de aluno para aluno. Eu dou aula de baixo, bastante, e o baixo eu pegar o violão às vezes, e mostrar umas harmonias, por exemplo. E às vezes eu dou aula de guitarra também. Às vezes eu tenho esse curso que é um curso de método de composição que é voltado para o processo composicional do aluno. Então assim, basicamente de piano e violão. Essas aulas, eu escuto as músicas do aluno, mostro diferentes pontos de vista que ele pode trabalhar nas próprias composições, que às vezes a pessoa faz a música e só sabe tocar aquela música daquele jeito. Então eu mostro outros acordes que eu tenho e abro a harmonia inteira. Eu gravo aqui no groove a música dele e toco do jeito que eu poderia tocar, aí boto outro groove e toco em cima desse outro groove. Ponho um groove 7/8, 5/8, 11/8. Toco de novo, mostrando, assim, várias formas de como o aluno pode trabalhar a música dele. Então tem várias metodologias que são as coisas que eu vim desenvolvendo ao longo dessas aulas todas, várias não, teoricamente três [...]

Entrevistado: Olha, eu tenho uma webcam no computador. Eu tenho uma placa de áudio [...] da universal áudio. Tenho um microfone akg c214, que ele fica aqui e ele capta o que eu estou falando. Não preciso ter nada na minha frente. Tenho dois alto falantes hr5 Yamaha, um abajur aqui que me ilumina. Dou as aulas pelo zoom. Já dei aula pelo Google meet, até Facebook também, e é isso. E eu passo,

por exemplo, o baixo pelo [...] que entra na placa, que já está endereçado com o output do zoom e aí quando eu vou mostrar sessões, produção e coisas do tipo eu abro meu [...] que eu tenho aqui. Compartilho a tela e é possível ver e acompanhar em tempo real o que eu estou fazendo e vice versa. Se o aluno quiser me mostrar alguma coisa ele abre, compartilha a tela dele e eu vejo o que ele está fazendo.

Entrevistador: O senhor poderia falar a marca da sua webcam?

Entrevistado: Eu acho que é uma logitech, se eu falar o preço vocês vão saber, cento e dez reais.

Entrevistado: Baratinho, não é uma webcam barra pesada não.

Entrevistado: Para gravar a aula, essas coisas, filmar, quando eu filmei eu usei o iPhone mesmo.

Entrevistado: Eu tinha o MacBook. Tenho ainda, mas eu usava para dar as aulas e para gravar, fazer tudo e troquei recentemente em janeiro desse ano e peguei um outro computador.

Entrevistado: Eu não tenho site, eu não tenho grupo. Já tive grupo de WhatsApp. Mas eu não tenho porque, sei lá, eu tenho Instagram e eu posto bastante em épocas mais específicas. Assim, dependendo, eu sempre estudo, então estou estudando em casa. Estou aqui estudando, e tal. Estudei, estudei, estudei e falei: “vou fazer um vídeo”. E aí eu faço um vídeo e posto, interação, muitos perguntam sobre as aulas. Muitos perguntam sobre os cursos. E eu vou disponibilizando dessa forma, de uma forma meio orgânica. Hoje eu vou postar isso, não vou postar isso. Tem vezes que eu posto vídeo tocando baixo, tem vezes que eu posto vídeo tocando baixo com uma oitava acima, que é meio guitarra. Tem vezes que posto vídeo tocando guitarra, tem vezes que eu posto vídeo tocando violão com um pedaço de música que eu acabei de fazer. Aí tem vezes que eu posto tocando teclado, também improvisando, tocando um pedaço de música que eu acabei de fazer que eu estou trabalhando. Então meio por aí. Assim, não tenho agenda programando todos os posts e coisas do mundo não.

Entrevistado: É, é, perguntas já rolam com a gente. Tipo assim, estou falando aqui de uma referência e você não conhece, eu vou e escrevo no WhatsApp na hora para não esquecer também e aí eu vou passando essas referências por escrito, assim...

Entrevistador: [...] legal, vamos aqui para a nona pergunta: “qual a sua perspectiva em relação ao futuro do ensino on-line?”

Entrevistado: Eu acho que vai continuar, vai aumentar. Não sei. Assim, eu sempre penso em relação a nossa área da música. Eu não sei matemática, física, coisas de mestrado, doutorado. Eu acho que é possível, se a plataforma for boa, se a internet for boa, se não tiver muita latência. O 5G parece que vai melhorar muito. Assim, então eu acho que vai aumentar, crescer e os

equipamentos vão vir já com essa, como é que fala, com esse fetcher, assim, de poder facilitar esse tipo de comunicação, enfim, é isso.

Entrevistador: Legal, bom demais. E aí a décima pergunta é talvez um pouco do mesmo aí do que você já falou, essa resposta da nona, que é: “após o término da pandemia o senhor pretende se manter ativo nesta modalidade de ensino?” Está bem claro aqui, né? [Risos].

Entrevistado: Com certeza. Com certeza eu vou continuar dentro do possível, se você começa a tocar muito, fazer muito show, aí o tempo fica mais curto, aí você não pode. Mas assim, eu sempre vou. Eu quero gravar mais cursos, eventualmente. Que é uma coisa que eu tenho preguiça de fazer, que eu acho chato todo o processo de desenvolver, questão de gravar e tudo o mais. Eu acho a aula mais dinâmica e, dependendo da situação até mais rentável. Se você tem uma quantidade boa de alunos a aula é um pouco mais cara do que o curso. Então, embora o curso você grave e deixe lá vendendo também, se tiver uma publicidade boa, você vende muito e ganha mais dinheiro. Mas eu, assim, eu com certeza pretendo continuar dando aula sempre que possível, e fazendo curso também.